

A Metamorphose

Franz Kafka



copyright Hedra

edição brasileira© Hedra 2019

título original *Die Verwandlung*, 1915

primeira edição Primeira edição

edição Jorge Sallum

coedição Felipe Musetti

assistência editorial Luca Jinkings e Paulo H. Pompermaier

capa Lucas Kröeff

ISBN 978-85-7715-601-6

corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

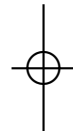


A Metamorfose

Franz Kafka

Celso Donizete Cruz (*prefácio e tradução*)

2ª edição





Franz Kafka (Praga, 1883—Klosterneuburg, 1924) é um dos autores mais lidos e influentes do século xx. Oriundo de uma abastada família judaica de comerciantes, sua infância é marcada pela relação conflituosa com o pai. Frequenta na juventude uma escola alemã de Praga, cursa química e posteriormente direito na Universidade Karl-Ferdinand, seguindo depois uma bem-sucedida carreira como funcionário público na área de segurança do trabalho. Além de *A metamorfose*, Kafka publicou em vida *O foguista*, *A sentença* e *O artista da fome*. *O processo*, *O castelo* e *América* (este último, inacabado) foram publicados postumamente, graças à intervenção de seu amigo Max Brod, que se recusou a seguir o testamento de Kafka, no qual determinava a destruição de todos os seus escritos inéditos. A sua obra inclui ainda contos, diários e uma significativa correspondência com sua noiva Felice Bauer, que ele jamais desposaria. Falece ao 39 anos, vítima de tuberculose.

A metamorfose (*Die Verwandlung*, 1915) foi publicada originariamente na revista expressionista *Weißer Blätter*, que abrigava textos da nova geração de escritores alemães como Heinrich Mann, Ernst Bloch e Rosa Luxemburgo. A novela narra a singular história de Gregor Samsa, um caixeiro viajante que certo dia acorda em sua cama transformado em inseto. Plena de significados simbólicos, a obra deu origem às mais diversas interpretações. Famosas são as associações de ordem psicanalítica sobre a relação de Kafka com seu pai. Deve-se a Vladimir Nabokov a interpretação de que a obra não é redutível a dramas familiares do autor mas, sim, a expressão da tensão do artista em meio à sociedade burguesa de sua época. Uma das obras literárias mais lidas e comentadas do século xx, *A metamorfose* ganha aqui uma nova tradução direta do alemão que procura recuperar o tom algo jocoso da obra alemã.

Celso Donizete Cruz é mestre em língua e literatura alemãs pela Universidade de São Paulo e professor da Universidade Federal de Sergipe. Além de obras traduzidas do alemão, inglês e italiano, é autor de *As metamorfoses de Kafka* (Annablume, 2008), um estudo comparativo das mais de doze traduções de *A metamorfose* publicadas no Brasil.



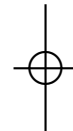


A Metamorfose

Franz Kafka



Sumário



Introdução, <i>por Celso Donizete Cruz</i>	7
A Metamorfose	25
Notas	103







Introdução

EIS UMA NOVA tradução brasileira da obra mais conhecida de Franz Kafka. A princípio quis chamá-la de *A transformação*, modo de recuperar a repetição sonora do substantivo alemão do título original, “Verwandlung”, que ecoa na forma verbal “verwandelt” (“transformado”), no fim da primeira frase da narrativa, considerada por muitos a sentença de abertura mais célebre de toda a literatura.¹ Dizem que o escritor argentino Jorge Luis Borges também criticava o título consagrado nas traduções, argumentando que a língua alemã possui a palavra “Metamorphose”, e Kafka a adotaria se sua intenção fosse de fato privilegiar em sua narrativa a mutação biológica, o que não é o caso. Na recepção em espanhol do século XXI, em consonância com o reparo, propõe-se uma nova tradução do título, *La Transformación*, nas edições da Editorial Funambulista, de Madri, e da Debolsillo, de Barcelona, ambas de 2005. Em língua inglesa, já no final do século XX surgia uma proposta conciliatória, *The transformation (Metamorphosis)*, na edição da Penguin Classics, de 1995.

Os exemplos não são muitos, afinal, e houve também argumentos contrários à adoção de um novo título, todos no fundo receosos de afrontar gratuitamente a tradição (em





português, tradução e tradição é que dão um trocadilho revelador das condições do campo). A experiência poderia ser desastrosa em mais de um sentido. Poderia levar a perder leitores interessados na obra, porém em busca do título tradicional, o que autoriza quando muito um parêntese, como na edição inglesa. A mudança de título poderia além do mais ser vista como tática meramente novidadeira, sem maiores implicações para a fruição da obra. Ou quem sabe angariasse para a tradução a pecha de enganadora, dando título desconhecido a uma obra mais do que famosa (fosse entendida a proposta só como brincadeira, e já estaria melhor). Mantenha-se então *A metamorfose*, a tradução consagrada do título em língua portuguesa. Não há por que polemizar, a questão é mesmo menor. O que importa vem depois do título, com ou sem eco, e aí logo se percebe que o foco não está na metamorfose, mas nas transformações que ela acarreta.

No Brasil, *A metamorfose* vem funcionando como o carro-chefe da recepção de Kafka, sobretudo de sua recepção popular. De 1956 a 2002, contam-se no país pelo menos 21 edições diferentes da obra.² É o livro que fissa o leitor e lhe abre as portas para o universo kafkiano.³ A mesma coisa deve se dar em outros países. A história do homem que se transforma em inseto tem um forte apelo, nunca deixando de inspirar novos lançamentos, cuja sucessão reafirma o notável sucesso da obra entre leitores dos mais distintos estratos culturais. Difusão sem dúvida louvável, quando se pensa no teor crítico do discurso kafkiano e em seu poder





desalienante. Contudo, vendo o que já se fez para sua divulgação, pode-se supor também um leitor leigo, seduzido pelo título e por algumas capas, a julgar que se trata de uma história de terror cujo protagonista é um homem que vira uma barata gigante e ameaça sua família. Tal leitor não estará absolutamente errado, só que se acompanhar a narrativa há de topar com um terror estranho e inesperado, por vezes mais engraçado que aflitivo (pode achar que levou gato por lebre: queria *A metamorfose*, e recebeu *A transformação*). A hipótese não é de todo descabida, ainda que seja difícil um leitor se aproximar da obra assim tão desavisadamente. O adjetivo derivado do nome de seu autor é presença certa nos dicionários, além do que Kafka e os títulos de suas obras mais famosas já são verbetes obrigatórios das enciclopédias. Se o leitor vai ao livro, é porque em geral soube de antemão alguma coisa.

Soube no mínimo do grande prestígio do escritor, um dos nossos maiores ícones literários. Embora tenha escrito no começo do século xx, e alcançado a glória póstuma após a metade desse mesmo século, rapidamente ganhou posição ao lado dos clássicos imortais da literatura de todos os tempos. O adjetivo “kafkiano” ultrapassou os círculos do pensamento literário, vindo a servir para designar determinadas situações de nossa vida prática. Tão entranhado assim ficou em nossa cultura, que figura ao lado de outros adjetivos literários, como dantesco, quixotesco, homérico. A uma tal altura no Olimpo das letras, não será difícil ao leitor divisá-lo ao adentrar o pátio principal da literatura do





Ocidente. Mas o que justifica tamanho destaque? De onde virá a força que lhe assegura de saída um lugar no panteão dos gênios indisputáveis? Na resposta a essas questões, há a considerar o que Kafka fez, e o que dele foi feito.

A *metamorfose* é um bom exemplo para tanto. Em parte por ser sua obra mais popular e ter sido publicada com o autor ainda vivo. Não foi muita coisa que ele deixou vir a público enquanto vivia.⁴ Três pequenos livros de narrativas curtas: *Betrachtung* (*Contemplação*), de 1913; *Ein Landarzt* (*Um médico rural*), de 1919; e *Ein Hungerkünstler* (*Um artista da fome*), publicado no ano de sua morte, 1924. Três narrativas médias: *Der Heizer* (*O foguista*), de 1913; *Das Urteil* (*O julgamento* ou *O veredito*), de 1916; e *In der Strafkolonie* (*Na colônia penal*), de 1919. Além de *Die Verwandlung* (*A transformação [metamorfose]*), uma narrativa longa, que saiu inicialmente na revista *Weißer Blätter* (*Folhas Brancas*) em 1915, depois em livro, em 1916, e alcançou uma segunda edição em 1918. Em conjunto, os escritos publicados em vida não ultrapassam quinhentas páginas.⁵ A economia narrativa e o rigor no acabamento apresentam-se desde já como parte do projeto literário de Kafka. De fato, apenas essas obras talvez fossem suficientes para garantir sua posição entre os grandes mestres. As principais características de sua ficção estão praticamente todas presentes. Só não se saberia então que o material publicado era apenas parte do edifício.

Ficou mais do que notável uma das últimas vontades de Kafka, a de que, após a sua morte, seu espólio literário fosse destruído. O amigo Max Brod, incumbido pelo autor





da realização dessa vontade, evidentemente não cumpriu a promessa. Esse episódio biográfico já deu o que falar e é um dos que contribuem para a construção de uma visão romantizada da vida de Kafka. Pode-se imaginar o escritor em seu leito de morte, vencido pela tuberculose, entre acessos de tosse e escarros de sangue, encarecendo o amigo com a tarefa inglória; na cena seguinte o amigo, ao abrir o baú, surpreso e maravilhado com a quantidade e a qualidade do tesouro que encontra; no final feliz, o tesouro partilhado com os próximos e os pósteros... Deve ter sido mais ou menos isso o que aconteceu, descontada a dose de má ficção. O já citado Jorge Luis Borges é um dos que referem o episódio,⁶ evocando para efeito de comparação o caso de Virgílio (outro escritor cujo similar último desejo também não se realizou) e a seguir argumentando que se essa fosse realmente a vontade desses autores, eles mesmos se encarregariam de riscar o fósforo. Ironias à parte, o pedido não atendido de Kafka pode ser a tradução sincera de sua dúvida quanto ao valor de suas páginas inacabadas. O rigor de seus critérios de acabamento aumenta na medida da desproporção entre o muito que escreveu e o pouco que publicou. *A metamorfose*, todavia, não deixa dúvidas, pois passou pelo crivo do autor, não sofreu as interferências da organização e edição póstumas de Max Brod, não padecendo assim da desconfiança, algo desmedida, diga-se, quanto à autenticidade de alguns trechos de sua produção literária divulgada *post mortem*. Por isso vem a ser mesmo o livro ideal para um contato inicial preciso com a mais pura ficção kafkiana.⁷





Proponho a distinção entre as narrativas póstumas e as publicadas em vida apenas como tentativa de destacar o cuidado do autor com seus escritos, sua consciência literária, seu senso crítico apurado, seu compromisso vital com a literatura. Trata-se de um homem de letras, que frequentou espaços sociais comuns a intelectuais e artistas, que tinha uma visão particular da literatura, estava informado das novidades de seu tempo, e certamente manifestaria suas opiniões em encontros com os amigos nos cafés de Praga. Não corresponderia unicamente à imagem do escritor desconhecido, enclausurado, sombrio, gênio incompreendido e maldito — visões românticas tantas vezes propagadas nas biografias. Max Brod, conhecendo o amigo, por certo estaria consciente de seu alto valor literário, e de antemão calcularia a importância do que o aguardava no baú. Kafka não foi afinal o escritor anônimo descoberto da noite para o dia, infelizmente quando era tarde demais e já não podia desfrutar da fama. Não viu o sucesso de nenhuma das obras que publicou, é certo, porém é igualmente correto que alcançou de imediato com elas o reconhecimento de seus pares em Praga, despertando reações positivas também em alguns círculos literários da Alemanha.⁸ O seu talento de primeira grandeza não era popular, mas foi notado. Consta que arrebatou em 1915 a terceira edição do Prêmio Theodor Fontane de Arte e Literatura, instituído na Alemanha, embora tenha sido uma vitória indireta: o vencedor oficial, o dramaturgo alemão Carl Sternheim, repassou depois a premiação a Kafka. Episódio emblemático de uma recepção





restrita — que tem o autor como escritor dos escritores, conhecido apenas em pequenos círculos literários, condição que após a sua morte sua obra superaria totalmente, chegando ao coração das massas, o que é até espantoso, em face do desconforto inevitável provocado por sua leitura.

Franz Kafka nasceu em 1883 em Praga, capital da então Boêmia, hoje República Tcheca. À época, a Boêmia fazia parte do Império Austro-Húngaro, e seu idioma administrativo oficial era o alemão. A submissão compulsória ao império obviamente não retirava aos tchecos o sentimento de pertença à cultura de sua região, e logo os movimentos nacionalistas desta e de outras regiões submetidas iriam dissolver o império. Imagine-se a aversão pelo imperialismo, e a desconfiança para com todos que parecessem mais fiéis ao império do que à Boêmia. Este em parte devia ser o caso de Kafka que, apesar de seu local de nascimento, não possuía identificação muito evidente com a cultura tcheca. Era filho de pais judeus emigrados da Áustria, praticamente sem laços afetivos ou nacionalistas com a Boêmia. Sua família fazia parte da comunidade judaica de Praga e ao mesmo tempo flertava com os oficiais alemães, tanto é que colocaram Kafka para estudar numa escola alemã. Seu caso, evidentemente, não seria único, contudo não será também de admirar a crise identitária e o sentimento de perseguição decorrentes da situação. Kafka era tcheco, mas escreveu em alemão e acabou órfão das duas culturas. Um dos maiores nomes da literatura alemã de todos os tempos não era alemão. E Praga em sua obra é nada mais que a sombra de





um cenário ocasional. Judeu, mas desgarrado e descrente, tampouco pode-se dizer que encontrasse sua identidade em meio à comunidade judaica. Exilado das três pátrias, seria hoje cidadão do mundo... Mas a Europa era outra, e Kafka a viu antes, durante e logo depois da Primeira Guerra. Foi testemunha desse acontecimento traumático, que literalmente expôs as entranhas de uma sociedade pretensamente racional. A condição marginal lhe possibilitaria observar essa sociedade sem comprometimentos patrióticos. O que tinha para dizer, e deixou por escrito, não se dirigia especificamente à cultura tcheca, alemã ou judaica. A nenhuma das três em particular, mas a todas a um só tempo — ao humano em cada uma delas.

Sua posição à parte no conturbado cenário europeu de então deu-lhe uma compreensão inusitada dos problemas do homem de seu tempo, o homem contemporâneo, este que veio a ser o que ainda hoje somos. Sua obra resulta dessa compreensão, um dos motivos elementares da importância a ela atribuída. Kafka parece ter dito uma vez que concebia a literatura como uma “expedição à verdade”.⁹ Essa concepção acentua outro tanto o interesse pelo que deixou. Seus textos literários são nesse sentido uma contribuição à filosofia (em sentido lato), que de direito se ocupa dos problemas da verdade. A literatura kafkiana demonstra que a reserva filosófica não impede a progressão do método literário na exploração de um mesmo território. A diferença é que, onde a filosofia explica, a literatura mostra. Não se recorre às premissas que permitirão a dedução de uma situ-





ação absurda na qual o ser humano, “barateado”, reduz-se à condição de inseto. Não se aciona o pensamento lógico *stricto sensu*. O absurdo é maior e mais impactante com a eclosão inexplicável do inseto humano no seio de uma típica família pequeno-burguesa. O fenômeno é incomum, e visível apenas pelas lentes literárias. Mas não desperta nenhuma dúvida nas personagens, que em nenhum momento questionam a impossibilidade do fato. Note-se que não se trata de metáfora, o inseto está lá em toda sua concretude, para quem quiser ver. Age como inseto: tem dificuldades para se mover, não possui dentes, rasteja pelas paredes e pelo teto, se alimenta de restos e, apesar de ainda raciocinar como humano e de entender a língua dos humanos, estes não só não entendem o que ele fala, como o julgam (com exceção talvez da faxineira) incapaz de compreendê-los. Chama-se aqui a atenção para o irreal que afinal aparece como a condição para que se enxergue a realidade, e aí temos um método de desalienação. Didática de Kafka: os contrassensos não são discutidos, são vistos, e é o impacto do que se vê que perturba o entendimento sossegado do leitor.

Vale falar de um propósito na dedicação extrema de Kafka à literatura. A julgar pelo que relatou em diários e cartas, sua vida só adquiria sentido em função da literatura. Acredito que seja possível confiar na sinceridade desses escritos pessoais, embora a relação da biografia do autor (em boa parte inspirada por esses mesmos escritos) com as obras que deixou dê margem a interpretações muitas vezes equivocadas ou ingênuas. Não é que tenha retratado





episódios de sua vida pessoal. Estes, no máximo, iriam lhe servir de inspiração. A literatura, como a concebia, seria mais uma forma de flagrar as contradições da cultura ocidental no princípio do século xx, de um modo eficaz, no entanto nada confortável nem óbvio. Seria uma tentativa de entender o que acontece com os humanos numa sociedade cada vez menos humanizada, se é que algum dia houvesse sido mais... Escrever lhe era vital, provavelmente porque o punha em contato com a *verdadeira* vida. A procura da verdade, se por um lado enfeixa suas produções na confluência da literatura com a filosofia — e não por acaso os maiores filósofos do século se dispuseram a interpretá-lo —, por outro lado leva a classificá-las como realistas. De um realismo que não se reduz à descrição pitoresca da superfície do real, antes corresponde à percepção objetiva da realidade. Com efeito, seu realismo é de tipo expressionista, à medida que dá vazão a uma realidade desfigurada pela percepção interna do sujeito. Entretanto, o propósito de objetivar essa realidade impede a expressão puramente subjetiva. Como explica Luis Costa Lima (*op. cit.*, pp. 65–66), a ficção de Kafka pressupõe uma mediação, “um meio interposto entre a subjetividade e o mundo externo, que permita a objetivação daquela”: “Sua questão é converter as tematizações pessoais de próprias ao espaço interno em capazes de se mover no externo; i.e., transformá-las de fantasmas em objetos, cujos traços mostrariam a si e a seu tempo”. Se bem entendo a lição, diviso uma metodologia nessa busca de conversão do interior em exterior, de “fantasmas em objetos”, da sub-





jetividade em objetividade, enfim. Só faz sentido falar em método quando se quer atingir um objetivo, no caso *mostrar* “a si e a seu tempo”, o que vem a ser a confirmação de uma intenção realista.

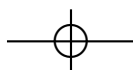
Aqui se cai de chofre na *selva selvaggia* da fortuna crítica. Missão impossível não recorrer ao paradoxo na descrição da singularidade do autor. O subjetivo objetivo, a ação que é inação, o estranho familiar... Nomeia-se pela contradição uma obra que se realiza no limite, sempre na dúvida entre o que *é* e o que *não é*. Tal indecisão retira as bases de qualquer juízo crítico absoluto. E o mistério sempre se mantém um mistério, mesmo depois de aberto com as diferentes chaves forjadas pela crítica. Ora, não será demasiado supor que era esse precisamente o ponto visado pela literatura de Kafka, a apresentação de situações numa perspectiva ambígua, trágica e cômica ao mesmo tempo, próxima e distante, real e fantástica (termos e contratermos se sucedem...). Toda representação kafkiana sustenta-se na evocação de sua face contrária. O caso de Gregor Samsa, personagem principal de *A metamorfose*, é mais uma vez exemplar. Ele só toma consciência de sua alienação ao ser alienado de sua forma humana. Não é o fato de se transformar em inseto o que o aliena, isso só lhe revela sua real alienação. Já era inseto quando ainda era humano, se ainda é humano quando já é inseto? Se para descobrir sua humanidade é preciso que a perca, a metamorfose é a condição de sua consciência. A exposição do humano é levada ao extremo com a oposição





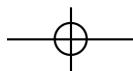
do inseto. No choque dos opostos é possível viver uma verdade.

Não devia mesmo ser fácil ao autor sustentar tal ponto de vista. Kafka sempre se queixou da falta de espaço e tempo para se dedicar à literatura como gostaria e, de acordo com seus critérios, deveria. A biografia em quadrinhos de Robert Crumb e David Zane Mairowitz¹⁰ retrata enfaticamente a ausência de privacidade na casa dos pais, onde residiu durante quase toda a sua vida, e também o grau de concentração exigido em sua prática literária. No traço de Crumb, o escritor entra em transe ao escrever, os olhos esbugalhados, como se transportado para um outro plano existencial. O transe é ainda ambíguo, pois significa a necessidade tanto de superar um entorno desfavorável à prática (situação do sujeito) quanto de aceder ao plano de perseguição da verdade (condição do objeto). Não admira que o esforço exaurisse o autor, solicitando-lhe uma disposição que somente teria se pudesse abandonar o trabalho e demais compromissos sociais. Kafka se dizia um fraco. Para poder escrever, se viu obrigado a abdicar de possíveis casamentos e a buscar a solidão. Ainda assim, o mínimo exigido de vida social já lhe parecia muito e roubava-lhe as forças de que necessitava para completar suas obras. Em que pese a fantasia *underground*, a representação proposta por Crumb sintetiza os apuros do escritor, que se sentia hábil e capaz apenas para o trabalho literário que sua vida lhe dificultava exercer. O transe místico é ainda o simulacro de sua obsessão com a literatura, à qual sacrificava a vida.





Nesse ponto tocamos a esfera do mito. Não é fácil acreditar que um autor se dispusesse a tanto, nem que a literatura exija pacto tão radical. Mas fato é que o próprio Kafka cultivou a ideia do escritor abnegado. A divulgação de suas obras póstumas também pôs em circulação seus escritos pessoais, e é nesses que se acham declarações do autor sobre seu envolvimento com a criação literária. Essas declarações alimentam o mito. De acordo com elas, o escritor dedica-se à literatura como a um sacerdócio. A literatura seria sua religião mais cara, se de fato lhe revelasse a verdade. Daí a enxergá-lo como profeta é um passo. Isso sem contar a simpatia despertada por sua situação pessoal precária. Note-se, porém, que Kafka fala de uma *expedição* à verdade, não de uma *revelação*. Uma expedição é uma viagem, uma aventura, e só se vive uma verdadeira aventura quando não se pode prever o final. Para abandonar o mito, é preciso compreender o compromisso com a verdade do ponto de vista ético, não religioso. Os resultados das expedições nunca são conclusivos. Mas o rigoroso relato do percurso é a prova da dedicação e da fidelidade ao compromisso assumido. A literatura é, assim, seu instrumento de busca da verdade, ao encontro da qual não é necessário ir com a alma pura dos crentes inocentes. Também não é preciso deixar ao cinismo o papel principal. Parece haver em Kafka, como nos grandes autores, um compromisso com a sinceridade. A tortura ou o transe da criação podem, sim, se associar antes ao rigor do que à mística. Essa reivindicação, contudo, no fundo também obedece a imperativos associ-





ados a uma visão específica da arte, entendida aqui mais como construção e cálculo do que como magia e inspiração. Reclama-se um escritor consciente de sua proposta literária, antes que um “médium” da expressão de forças superiores.

Entretanto, a preferência parece tender ao místico. Com a popularização de sua recepção, Franz Kafka passa a habitar uma outra dimensão, e se transforma em um personagem da mitologia moderna, cujos círculos inevitavelmente se misturam à mitologia dos tempos imemoriais. E faz pouco mais de oitenta anos que veio a falecer. Morria quando nossos pais ou avós nasciam, há duas gerações apenas. Como esse intervalo é relativamente pequeno, ainda é possível testar, com base em documentação histórica, a verdade de alguns relatos biográficos.¹¹ Mas a própria disputa pela verdade biográfica tende a confirmar o mito. Algumas correções não perturbam a imagem geral, pelo contrário. A voracidade do mito traga qualquer migalha de veracidade histórica.

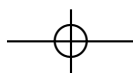
Creio que o que acontece com a recepção de Kafka no Brasil repete em escala doméstica, ressalvado o atraso, o movimento internacional de sua popularização. De início, sua leitura é privilégio de pequenos círculos, mas logo suas produções vêm a ser difundidas para todos os estratos sociais. *A metamorfose* é sua obra mais divulgada, porta de entrada de sua recepção, como observado. Sua primeira tradução brasileira, de Brenno Silveira, data de 1956, e foi feita a partir do inglês. É só a partir dos anos 1960 que o autor passa a ser popularizado, já então como clássico. Em muito concorre para sua popularização a história do homem que





se transforma em um inseto. Na época de sua primeira publicação em livro, em 1916, Kafka instou para que o inseto de modo algum fosse sugerido na capa. Logo na primeira edição brasileira, contudo, já aparecem justapostos, de costas um para o outro, os perfis de um homem e de uma barata, esta mais detalhada que aquele. A tônica no inseto descortina uma estratégia de difusão que potencializa em demasia certos apelos popularescos da história original, e tende a preservar o mito. *A metamorfose* é normalmente divulgada como clássico da literatura moderna ou universal. Só por isso já deveria ser lida. Mas a presença do homem-inseto é um incentivo a mais, considerada a curiosidade que o fantástico e o sobrenatural em geral despertam no público. Em nome desse apelo é que se coloca a metamorfose do homem em primeiro plano, quando na verdade a narrativa trata é das transformações de seu entorno em face de uma situação totalmente inesperada. Todas as nuances possíveis decorrentes desse evento inicial são exploradas. A metamorfose desperta reações em cadeia, e são essas reações que a narrativa de Kafka acompanha. Daí, na verdade pouco importa o inseto, basta frisar sua inadequação e a repulsa que ele provoca. Se em lugar do inseto houver uma massa amorfa e gosmenta, nada muda, a não ser a forma de suas pegadas.

Por isso a sugestão de deslocar o foco. Trocar a metamorfose pela transformação. As reações ao asco são mais interessantes que o objeto asqueroso. Aí é que está o humor, um humor não autorizado pelo horror da situação descrita e que entretanto comparece como possível matriz do

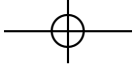




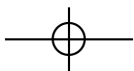
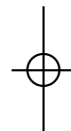
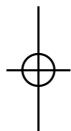
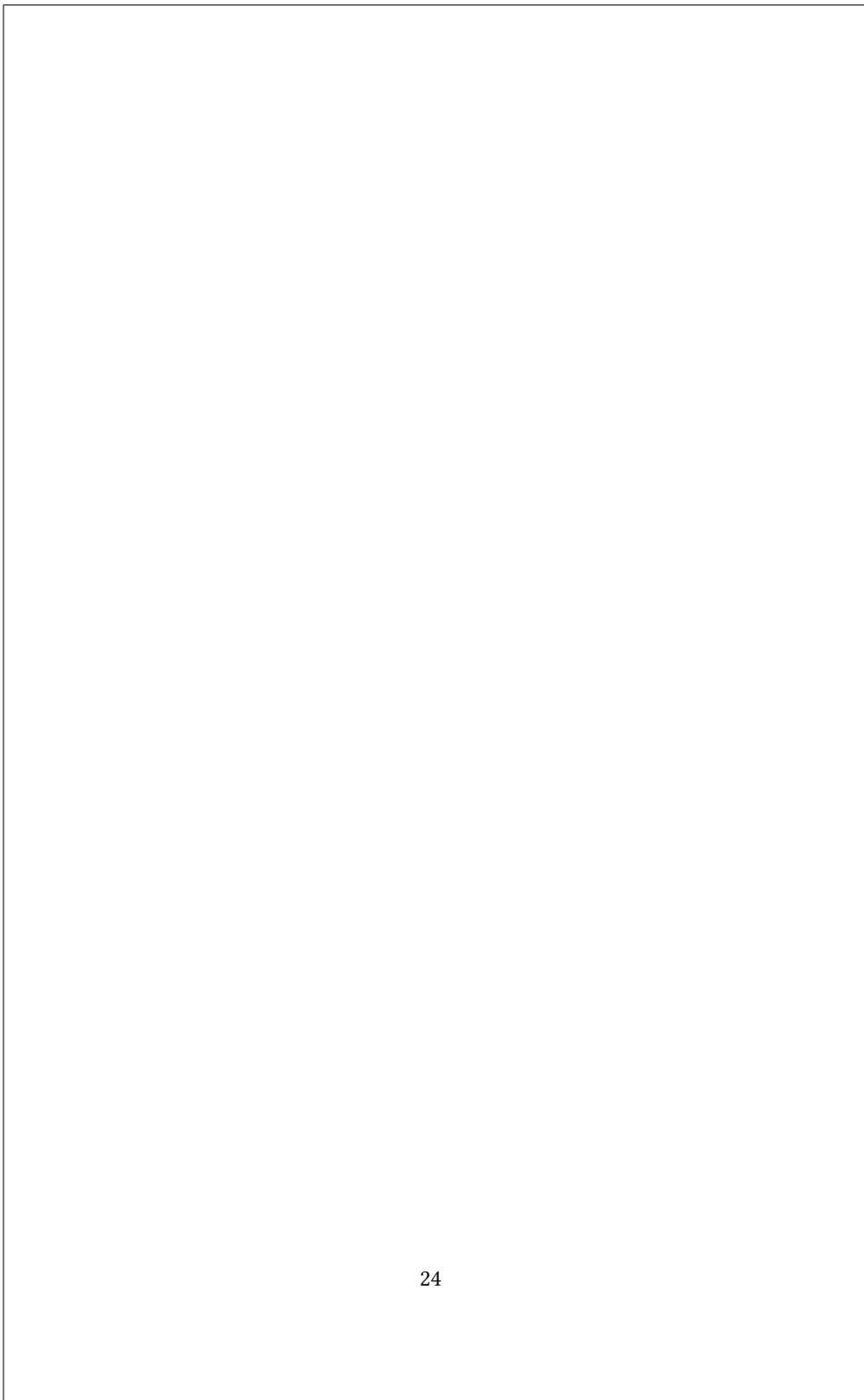
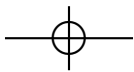
modo de narração. O distanciamento narrativo é máximo, mesmo que tenhamos acesso direto aos pensamentos das personagens. O narrador é onisciente e não se compromete. Mantém a objetividade ainda que o evento narrado seja o maior dos absurdos. Faz questão de chamar a atenção para detalhes periféricos das situações principais, e tais detalhes acabam sendo reveladores das reais motivações das personagens. Ora, o absurdo, o inesperado, o grotesco, o ínfimo que se revela fundamental, essas ocorrências são comuns ao reino do cômico, isso sem falar que o distanciamento é a condição da comédia, pois são poucos os que acham graça quando são os objetos de derrisão. Não admira pois que, conforme reza a lenda, Kafka tenha chegado às gargalhadas ao ler a narrativa em primeira mão para os amigos. Acredito que falte uma pitada maior desse humor nas edições e traduções brasileiras, o qual todavia está presente nas ilustrações do pintor Walter Levy para a primeira edição brasileira de 1956. Esse veio interpretativo ficou meio esquecido nas várias edições posteriores. A tônica foi mais para o horror ou para o trágico, que fazem justiça à obra, mas não a esgotam.

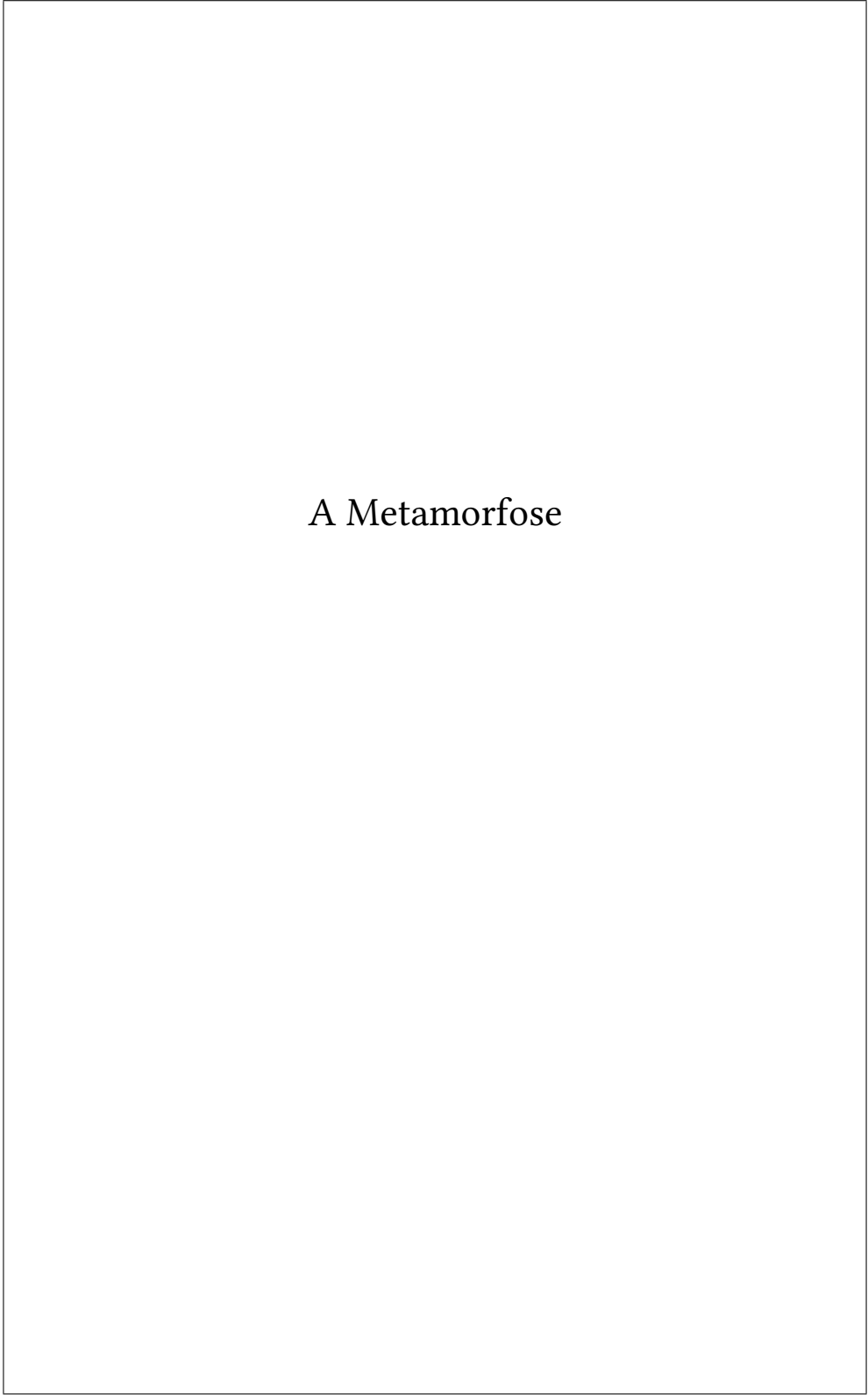
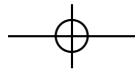
Constata-se, por mais incrível que pareça, apesar de toda a avalanche interpretativa a que o autor esteve e continua sujeito, a existência de espaços ainda a explorar, afora a necessidade de revisão de algumas ideias prontas herdadas de recepções passadas. O maior desafio da crítica kafkiana talvez seja escapar aos mitos e às múltiplas interpretações preestabelecidas de sua obra. De qualquer modo, todo clássico acaba se impondo por si só quando nos dispomos à



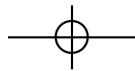


sua leitura. Uma nova tradução é só mais uma proposta de interpretação, sempre possível porque o contexto de recepção nunca é estável. O clássico atravessa as gerações, tendo sempre o que dizer a cada uma delas. Há portanto sempre uma oportunidade de renovação a comprovar o seu vigor atemporal.





A Metamorfose







I

Certa manhã, ao despertar de um sonho inquieto, Gregor Samsa descobriu-se em sua cama transformado num insuportável inseto. Deitado de costas, duras como um casco, ele viu, ao erguer um pouco a cabeça, sua barriga arredondada, pardacenta, repartida por pregas arqueadas, do alto da qual a coberta, já quase toda caída, escorregava. Diante de seus olhos moviam-se desesperadas suas várias pernas, ridiculamente finas em comparação com suas proporções de antes.

“O que aconteceu comigo?”, pensou. Não era um sonho. Seu quarto, abrigo humano e normal em tudo, só um tanto quanto pequeno, jazia em silêncio entre as quatro paredes velhas conhecidas. Acima da mesa, onde se espalhavam pacotes desembulhados de amostras de tecidos — Samsa era caixeiro-viajante —, pendia a ilustração que ele recortara há pouco tempo de uma revista e havia encaixilhado numa moldura linda, dourada. Era o retrato de uma dona elegante, sentada, aprumada, ornamentada com um barrete e uma estola de peles, que elevava na direção do observador um pesado regalo também de pele, no interior do qual quase todo o seu antebraço desaparecia.

O olhar de Gregor voltou-se então para a janela, e o tempo fechado — ouviam-se gotas de chuva batendo no peitoril de metal — deixou-o bastante melancólico. “Como seria bom dormir um pouco mais e esquecer essas maluquices”, pensou, mas isso era inexequível, pois estava acostumado a dormir do lado direito, e no seu estado atual não

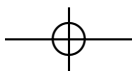




conseguiu ficar nessa posição. Por mais força que fizesse ao se projetar para a direita, acabava sempre mandado de volta à posição inicial, de costas. Já havia tentado umas cem vezes, fechava os olhos para não ter que ver a movimentação das pernas, e só parou quando começou a sentir na lateral do corpo uma ligeira dor, surda, nunca antes sentida.

“Deus do céu”, pensou, “que profissão mais desgastante eu fui escolher! É viajar todo santo dia. A tensão desse comércio é de fato muito maior do que o trabalho na loja, e além disso a mim me toca ainda esse tormento das viagens, a preocupação com as conexões dos trens, a comida péssima, sem hora certa, o contato humano sempre alternado, nunca permanente, nunca chegando a ser afetuoso. Que isso tudo vá pro inferno!” Sentiu uma coceirinha na parte de cima, na barriga; empurrou as costas devagar para junto da armação da cama, a fim de poder erguer melhor a cabeça; divisou a região que coçava, coberta de minúsculos pontinhos brancos pronunciados, não chegou a atinar o que fossem; e quis cutucar o local com uma perna, mas retirou-a na mesma hora, pois ao contato foi acometido por um calafrio.

Deslizou de volta à sua posição anterior. “Esse negócio de acordar tão cedo”, pensou, “deixa a pessoa apalermada. Um homem deve ter direito a suas horas de sono. Os outros vendedores levam vida de princesa. Quando, por exemplo, eu volto para a hospedaria no meio da manhã, e vou passar a limpo os pedidos, só então esses cidadãos se sentam para tomar o café. Vou eu tentar a mesma coisa com o chefe que eu tenho; iria parar no olho da rua. Aliás, vai saber se isso





não seria mesmo o melhor para mim. Se eu, por causa dos meus pais, não estivesse de mãos atadas, já tinha pedido as contas há muito tempo, teria parado bem na frente do chefe e dito o que penso com absoluta franqueza. Era capaz dele cair da mesa! Essa é outra mania esquisita do chefe, sentar na mesa e falar com os funcionários olhando de cima, sem contar que, por causa de sua audição sofrível, a gente precisa chegar bem pertinho. Mas não perdi de todo as esperanças; assim que juntar o dinheiro e saldar a dívida que os meus pais têm com ele — o que deve durar ainda uns cinco ou seis anos —, adoto a medida sem falta. Então as amarras serão todas rompidas. Por enquanto, todavia, eu tenho de me levantar, porque o meu trem parte às cinco.”

E olhou de lado na direção do despertador, que fazia tique-taque em cima do guarda-roupa. “Minha Nossa Senhora!”, pensou. Eram seis e meia, e os ponteiros seguiam mansos adiante, era até mais tarde, já estava perto de quinze para as sete. Será que o despertador não tinha tocado? Via-se da cama que ele havia sido ajustado direitinho para as quatro; na certa, pois, tocara. É, mas seria possível manter um sono tranquilo com esse barulho que chegava a estremecer os móveis? Bem, tranquilo é que não fora o seu sono, entretanto, talvez por conta disso mesmo, teria sido mais profundo. Mas o que devia fazer agora? O próximo trem partia às sete; para alcançá-lo, teria de se apressar feito um louco, e as amostras ainda não estavam na mala, e ele próprio não se sentia inteiramente descansado e disposto. E depois, se o alcançasse, não havia mais como evi-





tar um acesso furioso do chefe, pois o menino da loja teria aguardado o trem das cinco e há muito já transmitira o informe de sua falta. Esse era uma cria do chefe, sem fibra e sem discernimento. Não poderia avisar que estava doente? Isso, porém, seria demasiado constrangedor e suspeito, pois Gregor, durante os seus cinco anos de serviço, não ficara doente nem uma vez sequer. Na certa o chefe viria com o médico da previdência, repreenderia os pais por causa do filho preguiçoso e rejeitaria qualquer objeção com base no palpite do médico, que era da opinião de que a boa saúde nunca faltava aos homens, faltava era a disposição para o trabalho. E, a propósito, nesse caso estaria ele tão errado assim? Na verdade, descontada uma certa sonolência realmente superficial, devida ao longo período de sono, Gregor se sentia muito bem e até estava com uma fome um pouco além do comum.

Enquanto refletia aos atropelos sobre tudo isso, sem encontrar coragem para deixar a cama — o despertador marcava exatamente quinze para as sete —, foram ouvidas leves batidas na porta ao lado da cabeceira. “Gregor”, chamavam — era a mãe —, “já são quinze pras sete. Você não ia viajar?” Que voz mais doce! Ao responder, Gregor se assustou com a sua própria, que era nitidamente a mesma voz, porém agora, como se vindo do fundo, mesclava-se a ela um guincho aflitivo, impossível de reprimir, que só num primeiro momento deixava as palavras soarem inteligíveis, para corrompê-las em seguida com seu eco por trás de cada emissão, de uma tal maneira que a pessoa não sabia se tinha escutado direito.





Gregor teve vontade de responder em detalhes e explicar tudo, entretanto, dadas as circunstâncias, limitou-se a dizer: “É, ia; obrigado, mãe; já vou levantar”. Na certa por causa da madeira da porta, a alteração na voz de Gregor não foi notada do lado de fora, pois a mãe se satisfez com a explicação e se afastou arrastando as chinelas. Contudo, a pequena troca de palavras alertou os outros membros da família para o fato de que Gregor, contrariando o previsto, ainda estava em casa, e logo o pai batia em uma das portas laterais, sem força, mas com o punho. “Gregor, Gregor”, chamou, “o que houve?” E depois de um breve intervalo voltou a exortar, engrossando a voz: “Gregor! Gregor!”. Na outra porta lateral, por sua vez, a irmã chamou baixinho, num tom queixoso: “Gregor? Está se sentindo bem? Precisa de alguma coisa?”. Gregor respondeu para ambos os lados: “Já estou indo”, e esforçou-se para que não reparassem em sua voz, pronunciando as palavras com o máximo de cuidado e intercalando longas pausas de uma emissão a outra. Também o pai deu meia volta e retornou ao seu café da manhã, a irmã entretanto sussurrou: “Gregor, abra, eu insisto”. Mas Gregor não pensava de forma alguma em abrir, pelo contrário, louvava a precaução adquirida com as viagens, e até em casa mantinha todas as portas trancadas durante a noite.

Agora o que queria era levantar-se com calma e sem ser incomodado, vestir-se e, acima de tudo, tomar o café da manhã, para só então refletir sobre o restante, pois ele via muito bem que ali deitado não conseguiria conduzir seus pensa-



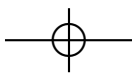


mentos a nenhuma conclusão satisfatória. Lembrou-se de já ter sentido várias vezes na cama uma certa dor leve, provável resultado do sono em posição desajeitada, que logo em seguida, ao se levantar, revelava-se pura imaginação, e estava curioso para ver como aos poucos se dissipariam suas impressões do dia. Que a alteração na voz nada mais fosse do que o sintoma de um belo resfriado, doença típica da sua profissão, disso não tinha a menor dúvida.

Afastar a coberta foi muito fácil; bastou a ele inflar-se um pouco que ela caiu por si só. Mas a partir daí ficou difícil, principalmente por causa de sua largura tão excepcional. Ele teria necessitado de braços e mãos para se pôr de pé; em vez disso, porém, tinha apenas as várias perninhas que se movimentavam sem trégua para todos os lados, e que além do mais ele não conseguia dominar. Queria fazer uma delas dobrar, e essa era a primeira a ficar esticada; conseguia afinal realizar o que queria com essa, e já todas as outras, nesse meio tempo, trabalhavam por conta própria, numa agitação maior e mais aflitiva ainda. “Não vai ficar estendido aí como um inútil”, Gregor disse a si mesmo.

Primeiro quis deixar a cama com a parte de baixo de seu corpo, mas essa parte, que aliás ele ainda não vira e da qual também não conseguia fazer uma ideia muito precisa, mostrou-se muito difícil de mover; avançava tão devagar; e quando ele afinal, numa fúria quase animalesca, projetou-se para frente com todas as forças, sem prestar atenção, calculou a direção, bateu contra a armação dos pés da cama, e

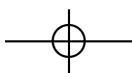




a dor lancinante que sentiu o ensinou que justo a parte de baixo de seu corpo talvez fosse no momento a mais sensível.

Em vista disso procurou sair primeiro com a parte de cima, e virou a cabeça com cuidado para a beira da cama. Pareceu fácil e, apesar da largura e do peso, seu corpanzil acabou por acompanhar aos poucos a movimentação da cabeça. Porém, quando a sustentou fora da cama, em pleno ar, ficou com medo de continuar avançando dessa maneira, porque, se no fim ele se deixasse cair assim, seria um verdadeiro milagre que sua cabeça não saísse seriamente machucada. E ele não podia de modo algum se arriscar a perder os sentidos agora; preferia permanecer na cama.

Mas quando, bufando com a repetição do esforço, voltou à mesma posição de antes, e tornou a enxergar suas perninhas em luta umas contra as outras, ainda mais agitadas, se isso era possível, e não viu nenhuma chance de acalmar e organizar aquela anarquia, repetiu consigo mesmo que era inadmissível continuar deitado e que o mais lógico seria sacrificar tudo, ainda que fosse ínfima a esperança de que assim conseguisse sair da cama. Ao mesmo tempo, porém, não se esquecia de lembrar que naquela situação uma reflexão calma, a mais calma, seria muito melhor do que resoluções desesperadas. Nesses momentos buscava com os olhos a janela, aguçando ao máximo o olhar, mas infelizmente muito pouca confiança e inspiração havia a extrair da visão da neblina matutina, que ocultava até o lado oposto da rua estreita. “Sete horas já”, ele disse ao ouvir o clique do despertador, “sete horas já, e ainda uma neblina dessas.” E





durante alguns instantes permaneceu deitado quieto, quase sem respirar, como se esperasse da quietude total o retorno das condições normais de realidade.

Mas depois falou para si mesmo: “Antes das sete e quinze, é indispensável que eu tenha deixado a cama de uma vez. Aliás, até lá terá vindo alguém da loja perguntar por mim, porque ela abre antes das sete”. E decidiu então sair da cama com o corpo todo, movendo-o em toda a sua extensão num balanço calculado e uniforme. Se chegasse a cair da cama dessa forma, era de supor que conservaria ilesa a cabeça, que pretendia manter firmemente ereta durante a queda. As costas pareciam duras; na certa nada sofreriam no choque com o tapete. O maior receio lhe vinha da atenção que o alto estrondo despertaria e das preocupações, quando não do susto, que deveria causar atrás de todas as portas. Mas era preciso correr o risco.

Quando já estava suspenso pela metade para fora da cama — o novo método era mais uma diversão que um esforço, ele só precisava de pequenos arrancos ao balançar —, ocorreu-lhe como seria simples se alguém viesse em seu auxílio. Duas pessoas fortes — pensava em seu pai e na empregada — seriam mais do que suficientes; bastava-lhes enfiar os braços por baixo de suas costas redondas, removê-lo da cama nessa posição, inclinar-se com a carga e então apenas assisti-lo com cautela para que completasse o giro no chão, onde enfim as perninhas oxalá iriam adquirir algum sentido. No entanto, descontado o fato de que as portas estavam





trancadas, ele deveria mesmo pedir ajuda? Apesar de toda a aflição, não pôde deixar de sorrir a esse pensamento.

Tanto já se deslocara que a um balanço mais forte mal poderia manter o equilíbrio, e em muito pouco tempo teria de se decidir de uma vez, pois dali a cinco minutos seriam sete e quinze — quando a campainha do apartamento tocou. “É alguém da loja”, falou para si e quase congelou, enquanto suas perninhas em resposta dançavam ainda mais depressa. Por um momento tudo continuou quieto. “Não vão abrir”, disse, agarrando-se a alguma esperança absurda. Mas então, como sempre, naturalmente, a empregada dirigiu-se com o passo firme até a porta e a abriu. Gregor só precisou ouvir a primeira palavra do cumprimento da visita e já soube quem era — nada menos que o gerente. Por que será que Gregor estava condenado a ser empregado numa firma onde a menor falta era vista com a maior das desconfianças? Todos os funcionários eram, portanto, sem exceção, uns mandriões, não havia entre eles uma só pessoa dedicada e fiel, que, se por acaso apenas umas poucas horas da manhã não havia utilizado em prol da loja, estaria se moendo de remorsos e definitivamente sem condições de deixar a cama? Já não seria suficiente mandar um aprendiz pedir informações — se é que um tal interrogatório fosse mesmo necessário —, precisava vir o gerente em pessoa, e precisava com isso ser mostrado a todos os familiares inocentes que a investigação desse caso suspeito só podia ser confiada ao juízo do gerente? E mais por causa da irritação a que fora levado através desses pensamentos do que em decorrência de uma





decisão tomada, lançou-se com todas as forças para fora da cama. Houve um barulho alto de pancada, mas de fato um estrondo é que não foi. O tapete amorteceu um pouco a queda, e também as costas tinham mais elasticidade do que Gregor supunha, daí o som abafado, que nem chamava a atenção tanto assim. Só não erguera a cabeça com o cuidado necessário, e por isso a contundira; girou-a e, cheio de raiva e dor, esfregou-a no tapete.

“Alguma coisa caiu lá dentro”, disse o gerente no cômodo da esquerda. Gregor procurou imaginar se ao menos uma vez não poderia se passar com o gerente algo semelhante ao que lhe acontecera hoje; a possibilidade não deveria de modo algum ser descartada. Porém, como se fosse uma resposta seca a essa hipótese, o gerente deu alguns passos firmes e ouviu-se o rangido de suas botas de verniz. No quarto da direita, a irmã sussurrou para adverti-lo: “Gregor, o gerente está aí”. “Já sei”, disse Gregor de si para si; mas erguer a voz a uma altura tal que pudesse ser ouvida pela irmã, isso ele não arriscou.

“Gregor”, agora falava o pai, do cômodo à esquerda, “o senhor gerente veio até aqui e quer saber por que você não partiu com o primeiro trem. Nós não sabemos o que dizer a ele. E ele também quer falar com você em particular. Então faça o favor de abrir a porta. Ele terá a bondade de desculpar a desarrumação do quarto.” “Bom dia, senhor Samsa”, intrometeu-se o gerente, chamando com voz amigável. “Ele não está bem”, a mãe disse ao gerente, enquanto o pai ainda discursava para a porta, “ele não está bem, acredite, senhor





gerente. Se não, como Gregor iria perder um trem! O rapaz não tem mais nada na cabeça a não ser a loja. Eu até fico irritada, porque ele nunca sai à noite; agora mesmo, ele esteve oito dias seguidos na cidade, mas ficou em casa todas as noites. Ele senta à mesa com a gente, e fica quieto lendo o jornal ou estudando o horário dos trens. Já é uma grande distração quando se ocupa com algum trabalho de marcenaria. Agora mesmo, por exemplo, em duas ou três noites ele acabou de entalhar uma pequena moldura; o senhor vai ficar admirado de ver como ela ficou bonita; está pendurada lá dentro, no quarto; o senhor vai ver, assim que Gregor abrir. Eu, aliás, fico contente que o senhor esteja aqui, senhor gerente; só a gente não seria capaz de fazer o Gregor abrir a porta; ele é tão teimoso; e com certeza não está nada bem, apesar de ter dito o contrário hoje de manhã.” “Já vai”, disse Gregor, calculadamente lento, e não se mexeu, para não perder nenhuma palavra da conversa. “De outro modo, prezada senhora, eu também não saberia explicar”, disse o gerente, “tomara que não seja nada sério. Embora, por outro lado, eu seja também obrigado a dizer que nós, homens de negócios — feliz ou infelizmente, como queira —, muitas vezes, em atenção às obrigações comerciais, devemos simplesmente ignorar qualquer indisposição passageira.” “Então, o senhor gerente já pode entrar?”, perguntou o pai com impaciência, e voltou a bater na porta. “Não”, disse Gregor. No cômodo da esquerda sobreveio um silêncio perturbador, no quarto da direita, a irmã começou a soluçar.





Por que será que a irmã não ia se juntar aos outros? Na certa só agora ela havia saído da cama e ainda não se vestira. E por que chorava? Por que ele não se levantava e não deixava o gerente entrar, por que se arriscava a perder o emprego e por que desse jeito o chefe voltaria a perseguir os pais com as antigas cobranças? Por enquanto, porém, essas eram preocupações de todo desnecessárias. Gregor ainda estava presente e não tinha a menor intenção de abandonar sua família. É certo que no momento ele continuava lá, estendido no tapete, e ninguém que tivesse conhecimento de sua situação iria lhe pedir a sério que deixasse o gerente entrar. Contudo, por causa dessa pequena descortesia, para a qual mais tarde seria fácil achar uma desculpa aceitável, Gregor não poderia ser mandado embora assim, sumariamente. E lhe parecia muito mais lógico deixá-lo em paz neste momento, em vez de perturbá-lo com choros e exortações. Mas era sem dúvida a incerteza que afligia os outros e lhes desculpava o comportamento.

“Senhor Samsa”, chamou então o gerente, em voz alta, “o que se passa? O senhor fica entrincheirado aí em seu quarto, responde apenas com monossílabos, deixa, sem necessidade, seus pais gravemente preocupados e — isso seja dito só de passagem — falta às suas obrigações comerciais de uma maneira realmente nunca vista. Eu falo aqui em nome de seus pais e do seu chefe e lhe solicito, com toda a seriedade, o favor de uma explicação clara e imediata. Estou atônito, estupefato. Eu acreditava conhecê-lo como um homem pacato, ajuizado, e agora o senhor de repente dá mos-





tras de querer começar a exhibir tais caprichos. É verdade que o chefe hoje de manhã me insinuou uma possível explicação para a sua negligência — dizia respeito à cobrança recentemente confiada ao senhor —, mas eu interpus a bem da verdade quase a minha palavra de honra, dizendo que essa explicação não tinha cabimento. Agora, contudo, que vejo sua obstinação incompreensível, perco por completo a vontade de intervir o mínimo que seja a seu favor. E sua posição não é em absoluto das mais garantidas. Eu tinha a princípio a intenção de lhe dizer isso tudo em particular, porém, já que o senhor me faz vir aqui desperdiçar inutilmente o meu tempo, não sei por que também os seus pais não devam ouvir. Seus resultados nos últimos tempos, aliás, não foram muito satisfatórios; claro que esta não é a época do ano em que se fecham grandes negócios, nós reconhecemos; mas uma época do ano em que não se fecha negócio algum, isso terminantemente não existe, senhor Samsa, não pode existir.”

“Mas, senhor gerente”, Gregor gritou fora de si, esquecendo tudo o mais no alvoroço, “eu abro agora mesmo, num instante. Um pequeno mal-estar, uma tontura, impediu que eu me levantasse. Ainda estou aqui deitado. Mas já me sinto mais disposto. Acabo mesmo de me levantar da cama. Só um minutinho de paciência! Ainda não estou tão bem como pensava. Mas já me sinto melhor. Como um homem pode ser pego assim de surpresa! Ainda ontem à noite estava tudo bem comigo, meus pais são testemunha, ou melhor, já ontem à noite eu tive um leve pressentimento. Deviam ter





reparado em mim. Por que não mandei logo avisar na loja?! Mas a gente sempre pensa que vai vencer a doença sem precisar ficar em casa. Senhor gerente! Poupe os meus pais! Todas as acusações que o senhor me faz agora, elas não têm fundamento; também não me disseram uma palavra a esse respeito. Talvez o senhor não tenha tomado conhecimento dos últimos pedidos que eu despachei. A propósito, ainda saio para viajar com o trem das oito, essas poucas horas de descanso me fortaleceram. Não é preciso se demorar mais, senhor gerente; agora mesmo eu vou para a loja, e o senhor tenha a bondade de transmitir esse recado e apresentar os meus cumprimentos ao senhor chefe.”

E enquanto Gregor despejava tudo isso às pressas, mal sabendo o que dizia, havia se aproximado do guarda-roupa com facilidade, graças à prática adquirida antes na cama, e procurava se levantar apoiado nele. Queria muito abrir a porta, queria de fato mostrar-se e falar com o gerente; estava ansioso para saber o que iriam dizer quando o vissem, eles que agora tanto reclamavam sua presença. Se tomassem um susto, Gregor não precisava justificar mais nada, e podia ficar descansado. E se aceitassem tudo com calma, então também não havia motivo para se preocupar, e ele poderia, se se apressasse, estar de fato às oito horas na estação ferroviária. No começo ele escorregou algumas vezes no guarda-roupa liso, mas ao final deu um último arranco e conseguiu se erguer; já não prestava atenção à dor na parte de baixo de seu corpo, por mais que ardesse. Deixou-se depois cair em direção ao encosto de uma cadeira próxima, a





cuja borda se agarrou com suas perninhas. Só aí voltou a recuperar o domínio sobre si mesmo e emudeceu, pois agora precisava ouvir o gerente.

“Os senhores entenderam uma única palavra?”, perguntou o gerente aos pais, “não estará ele nos pregando uma peça?” “Meu Deus do céu”, exclamou a mãe já começando a chorar, “ele pode estar muito doente, e nós aqui o atormentando. Grete! Grete!”, gritou então. “Mamãe?”, respondeu a irmã do outro lado. Elas se comunicavam através do quarto de Gregor. “Você tem que chamar o médico agora mesmo. Gregor está doente. Corre até o médico. Você ouviu como ele falou?” “Era uma voz de animal”, disse o gerente num tom estranhamente baixo, em contraste com os gritos da mãe. “Anna! Anna!”, chamou o pai batendo palmas da antessala para a cozinha, “vai já buscar um chaveiro!” Logo as duas moças atravessavam a antessala correndo num frufu de saias — como é que a irmã havia se vestido tão rápido? — e abriam precipitadas a porta do apartamento. Não se ouviu a porta bater de volta; decerto a tinham deixado aberta, como é de costume nas casas onde aconteceu uma grande desgraça.

Gregor, porém, ficou bem mais tranquilo. É fato que suas palavras já não eram compreendidas, embora tenham lhe parecido claras, mais claras até do que antes, talvez porque seu ouvido logo se ajustara a elas. Mas, ainda assim, agora já sabiam que nem tudo estava em ordem com ele, e se dispunham a ajudá-lo. Fizeram-lhe bem a confiança e a firmeza com que as primeiras providências foram tomadas.





Ele se sentiu de novo integrado ao círculo humano e esperava de ambos, médico e chaveiro, sem distingui-los com muita precisão, realizações grandiosas e surpreendentes. A fim de participar das discussões decisivas que estavam por vir com a voz o mais clara possível, tossiu limpando a garganta, todavia se esforçou para abafar o ruído, que provavelmente também teria um som distinto da tosse humana, algo que ele mesmo já não tinha competência para discernir. No cômodo do lado, nesse meio tempo, fez-se completo silêncio. Talvez os pais tenham ido se sentar à mesa com o gerente, e cochichavam, talvez estivessem todos pregados à porta, na escuta.

Gregor moveu-se até lá empurrando a cadeira devagar, depois soltou-a, jogou-se contra a porta, segurou-se a ela mantendo-se na vertical — as pontas de suas perninhas tinham uma espécie de grude — e descansou ali um instante do esforço realizado. A seguir, contudo, foi tentar girar com a boca a chave na fechadura. Era de lamentar que não tivesse uns dentinhos de verdade — com o que mais iria se agarrar à chave? —, mas em compensação as mandíbulas eram muito fortes, com certeza; com a ajuda delas de fato conseguiu movimentar a chave e nem reparou que assim fatalmente infligia a si mesmo algum ferimento, dado que um líquido marrom saía-lhe da boca, escorria pela chave e pingava no chão. “Prestem atenção”, disse o gerente no cômodo ao lado, “ele está virando a chave.” Para Gregor, esse foi um grande incentivo; mas todos deveriam apoiá-lo, inclusive o pai e a mãe: “Ânimo, Gregor”, deveriam gritar,





“não desiste, dá duro na fechadura!” Então, imaginando que todos acompanhavam seus esforços com interesse, aferrou-se à chave sem pensar em mais nada, reunindo todas as forças que podia. Bailava em torno da fechadura conforme o avanço da volta da chave; acabou segurando-se na vertical apenas com a boca, e de acordo com a necessidade pendurava-se na chave ou a forçava mais uma vez para baixo com todo o peso do seu corpo. O claro estalo da fechadura que enfim destravava tirou-o do transe. Tomando fôlego, ele disse: “Pois então, nem precisei do chaveiro”, e deitou a cabeça na maçaneta, para abrir de par em par as folhas da porta.

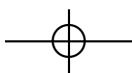
Como só podia abri-las puxando daquela maneira, uma delas já estava praticamente toda aberta e ele mesmo ainda não podia ser visto. Devia primeiro contornar devagar essa folha, e sempre com muita cautela, se não quisesse fazer o papelão de cair de costas bem na entrada do quarto. Estava ainda ocupado com essa difícil operação e não tinha tempo para prestar atenção em outra coisa, quando ouviu o gerente soltar um sonoro “Oh!” — soava como o sopro do vento — e então Gregor o enxergou também, viu como ele, que era o que estava mais próximo da porta, comprimia com a mão a boca aberta e retrocedia aos poucos, parecia puxado por uma força de atração contínua, invisível. A mãe — que apesar da presença do gerente apresentava-se com os cabelos ainda soltos, desgrehados pela noite de sono — juntou as mãos e olhou primeiro para o pai, depois deu dois passos na direção de Gregor e despencou no meio do círculo





formado por suas saias esparramadas, o rosto encoberto pendendo contra o peito. O pai cerrou o punho com uma expressão ameaçadora, como se quisesse forçar Gregor a voltar para dentro do quarto, então olhou a sala em torno de si, indeciso, cobriu os olhos com as mãos e caiu num choro que chegou a sacudir seu peito forte.

Gregor contudo não havia nem saído do quarto, ainda se esticava de dentro na direção da folha que permanecia trancada, de modo que se avistavam apenas metade de seu corpo e acima, inclinada para o lado, a cabeça com a qual olhava de soslaio para os outros. Havia clareado bastante nesse meio tempo; no outro lado da rua projetava-se nítido um recorte do imenso edifício da frente, cinza escuro — era um hospital —, com suas janelas rigorosamente simétricas rasgando a fachada; a chuva ainda caía, mas eram apenas gotas grossas, esparsas, e que assim espaçadas atingiam o solo num ritmo regular. A louça do café espalhava-se em grande número sobre a mesa, pois para o pai o café da manhã era a refeição mais importante do dia, e ele a prolongava horas a fio com a leitura de diferentes jornais. Na parede oposta pendia uma fotografia de Gregor da época do exército, posando como tenente, as mãos na espada, sorrindo despreocupado, invocando respeito por sua postura e sua farda. A porta da antessala estava aberta e, como a porta da frente também continuava aberta, era possível enxergar na parte de fora o corredor e o começo das escadas que conduziam para baixo.





“Bem”, disse Gregor, com a plena consciência de que era o único que havia mantido a calma, “agora mesmo vou me vestir, empacotar as amostras e partir. Vocês vão querer, por favor, me deixar partir? Como vê, senhor gerente, não estou sendo teimoso e trabalho com vontade; as viagens são incômodas, mas eu não poderia viver sem viajar. Para onde está indo, senhor gerente? Para a loja? É? O senhor vai reportar tudo direitinho? Uma pessoa pode estar num momento incapacitada para o trabalho, mas essa é exatamente a hora certa de recordar suas realizações passadas e de pensar que depois, afastado o impedimento, com certeza ela virá a trabalhar até mesmo com mais aplicação e concentração do que antes. O senhor sabe muito bem o tanto que eu devo ao chefe. E ainda tenho de cuidar dos meus pais e da minha irmã. Estou na penúria, mas com o trabalho vou conseguir dar a volta por cima. Não torne as coisas mais difíceis do que já são para mim. Tome o meu partido na loja! Eu sei que ninguém gosta do caixeiro-viajante. Pensam que ele ganha rios de dinheiro e além disso leva uma vida folgada. Ninguém nem mesmo toma a iniciativa de discutir mais a fundo esse preconceito. Mas o senhor, senhor gerente, tem uma visão geral da situação melhor que a dos outros empregados, até mesmo, seja dito em absoluto segredo, melhor que a do próprio chefe, que em sua posição de patrão às vezes se deixa levar por juízos equivocados, prejudicando um funcionário. O senhor também sabe muito bem que o caixeiro-viajante, que passa quase o ano inteiro fora da loja, torna-se facilmente vítima de intrigas,





maledicências e queixas infundadas, das quais é impossível que se defenda, porque na maioria das vezes ele nem chega a tomar conhecimento delas e é só quando volta para casa, esgotado após outra viagem, que vem a receber de corpo presente suas graves consequências, cujas causas originais não tem mais como descobrir. Senhor gerente, não vá embora sem me dizer uma palavra demonstrando que ao menos em parte o senhor me dá alguma razão!”

Mas o gerente, logo às primeiras palavras, já havia lhe dado as costas e, com um esgar de lábios, só ousava olhar em sua direção por cima dos ombros trêmulos. E durante o discurso de Gregor não permaneceu parado um segundo sequer, ao contrário, sem perdê-lo de vista, retrocedeu em direção à porta, porém muito devagar, como se houvesse uma lei misteriosa que o proibisse de deixar a sala. Aos poucos chegou à antessala e, a julgar pelo movimento repentino com que retirou o pé no último passo para fora da sala, era possível acreditar que tivesse pisado em brasas. Já na antessala ele esticava a mão direita cada vez mais na direção da escada, como se lá o aguardasse uma salvação decididamente extraterrena.

Gregor sabia que em hipótese alguma devia deixar o gerente partir naquele estado de espírito, se não quisesse que sua posição na loja ficasse comprometida. Os pais não entendiam direito o que acontecia; ao longo dos anos, haviam formado a convicção de que Gregor estava garantido na loja até o fim da vida, e agora, ainda por cima, com a urgência da situação, tinham tanto a fazer que uma conjectura dessas





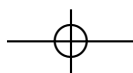
lhes passava despercebida. Mas a Gregor não passava. Era preciso reter o gerente, apaziguá-lo, persuadi-lo e por fim convencê-lo; o futuro de Gregor e de sua família dependia muito disso! Quem dera a irmã estivesse aqui! Ela era inteligente; chorou por antecipação quando Gregor ainda estava só deitado quieto, virado de costas. E na certa o gerente, esse conquistador, iria se deixar levar por ela; que fecharia a porta do apartamento e ali mesmo na antessala o acalmaria. Mas a irmã nem ao menos estava lá, Gregor mesmo devia cuidar do assunto. E sem pensar que nada sabia de sua real capacidade de se movimentar, sem pensar também que era possível, ou melhor, muito provável que seu discurso mais uma vez não houvesse sido compreendido, ele largou a folha da porta e se lançou pela abertura; queria correr para junto do gerente que, de um modo patético, já se agarrava com ambas as mãos ao corrimão do corredor; porém, no instante seguinte, procurando algum apoio, Gregor deu um gritinho e caiu por cima de suas perninhas. Mal isso aconteceu, ele experimentou, pela primeira vez naquela manhã, algum conforto físico; as perninhas encontraram chão firme abaixo de si; e obedeciam de pronto, como ele notou com satisfação; até faziam força para levá-lo aonde quisesse; e ele logo acreditou que era iminente a melhora definitiva de todos aqueles incômodos. Porém, no mesmo momento em que se viu ali no chão, agitado pelo desejo de se movimentar, não muito afastado de sua mãe, justamente à sua frente, ela, que parecia tão recolhida dentro de si mesma, de um pulo se levantou, os braços esticados, apontava com o





dedo, gritando: “Socorro, meu Deus do céu, socorro!”, mantinha a cabeça inclinada, como se quisesse observar Gregor com mais atenção, entretanto, num gesto contraditório, recuava sem pensar em mais nada; esquecera que atrás de si a mesa estava posta; quando encostou nela, como que distraída, sentou-se logo sobre o tampo; e pareceu nem reparar que a seu lado, saindo do grande bule que virara, o café derramava em grandes golfadas sobre o tapete.

“Minha mãe”, Gregor disse baixinho, e olhou na direção dela. Por um instante, o gerente foi varrido de seus pensamentos; em contrapartida, ante a visão do café que escorria, não pôde deixar de estalar várias vezes as mandíbulas, com cobiça. Diante disso, a mãe soltou um novo grito, saiu correndo da mesa e caiu nos braços do pai, que veio depressa ao seu encontro. Gregor, contudo, agora não tinha tempo para os pais; o gerente já descia a escada; o queixo na altura do corrimão, ainda voltava o olhar pela última vez. Gregor se preparou para correr, na expectativa de alcançá-lo; o gerente deve ter pressentido alguma coisa, pois de um salto desceu vários degraus e desapareceu; mas ainda soltou um grito, “Ahh!”, que ecoou em toda a escadaria. Por infelicidade, então, parece que a evasão do gerente também deixou o pai, que até aqui havia se comportado de modo relativamente calmo, bastante transtornado, pois, em vez de correr ele mesmo atrás do homem ou de pelo menos permitir que Gregor saísse em seu encalço, agarrou com a mão direita a bengala do gerente, por este deixada na cadeira, junto com o chapéu e o sobretudo, apanhou com a mão esquerda um





grosso jornal de cima da mesa e, com passadas pesadas, sacudindo a bengala e o jornal, pôs-se a tocar Gregor de volta para o quarto. Nenhuma súplica lhe foi de valia, nenhuma súplica sequer fora entendida, Gregor quis baixar a cabeça de modo ainda mais humilde, e o pai só fez bater os pés com mais força ainda. Do lado oposto, a mãe, apesar do tempo frio, havia aberto uma janela e, debruçada o mais para fora possível, apertava o rosto contra as mãos. Da viela, pela escadaria, veio uma forte corrente de ar, as cortinas esvoaçaram, os jornais farfalharam sobre a mesa, algumas folhas voaram e foram parar no chão. Implacável, o pai insistia e passou a silvar como um selvagem. Mas Gregor ainda não tinha a menor prática em andar para trás, e ia realmente muito devagar. Se ao menos pudesse dar meia volta, na mesma hora estaria dentro do quarto, mas ele temia impacientar o pai com uma manobra muito demorada, e a todo instante via-se ameaçado pelo golpe fatal da bengala, desferido em suas costas ou na cabeça. Porém, no fim não restou nenhuma outra alternativa, pois ele notou assustado que, ao andar para trás, nem uma vez sequer conseguira manter a direção; e assim, entre olhadelas furtivas, medrosas e incessantes na direção do pai, começou a se virar, o mais rápido que podia, na verdade, contudo, ainda muitíssimo lento. Talvez o pai tenha notado a sua boa vontade, porque não o atrapalhou nessa hora, pelo contrário, até direcionou a volta aqui e ali, de longe, com a ponta da bengala. Se não fossem aqueles silvos insuportáveis! Por causa deles, Gregor perdia a cabeça. Já havia dado quase toda a volta





quando, atordado por aqueles ruídos incessantes, chegou a se enganar e recuou um bom pedaço no sentido contrário. Mas quando afinal, contente, viu-se diante da abertura da porta, percebeu que seu corpo era muito largo para passar por ela sem dificuldades. Ao pai, é lógico, naquele estado de ânimo, não ocorria nem de longe abrir um pouco a outra folha da porta, de modo a deixar espaço suficiente para a passagem de Gregor. Sua ideia fixa resumia-se a fazê-lo entrar no quarto o mais rápido possível. Jamais toleraria também os preparativos minuciosos de que precisava para se erguer e desse modo tentar passar pela porta. Em vez de ajudar, agora fazendo um barulho infernal, forçava o avanço de Gregor como se não houvesse nenhum obstáculo; soava como se já não fosse mais a voz de um único pai apenas; com efeito, a coisa deixou de ser brincadeira, e Gregor — seja lá o que acontecesse — jogou-se contra a porta. Um dos lados de seu corpo subiu, ele ficou atravessado na abertura, uma parte de suas costas foi toda esfolada, na tinta branca da porta restaram manchas repulsivas, logo se viu prensado e sozinho não teria podido mais se mexer, as perninhas do lado de cima pendiam vibrando no ar, as do outro lado eram dolorosamente pressionadas contra o chão — foi quando o pai, de trás, deu-lhe um empurrão forte, desta vez deveras libertador, e ele, sangrando a valer, entrou voando para dentro do quarto. A porta ainda foi fechada com a bengala e então enfim tudo ficou quieto.





II

Só ao crepúsculo Gregor acordou de seu sono pesado, que mais parecia um desmaio. Com certeza, se não fosse perturbado, também não teria acordado muito mais tarde, pois sentia que já dormira e descansara o suficiente, embora tivesse a impressão de haver sido despertado por alguns passos furtivos e pelo ruído da porta de acesso à antessala, que fora trancada por precaução. A fraca luz das lâmpadas elétricas da rua iluminava palidamente alguns pedaços do teto do quarto e a parte de cima dos móveis, mas Gregor embaixo estava às escuras. Aos poucos, tateando ainda desajeitado com suas antenas, às quais só agora dava o devido valor, deslocou-se até a porta, para ver o que havia ocorrido. Seu lado esquerdo estava que era uma única cicatriz, comprida, esticada, incômoda, e por isso ele tinha de andar mancando mesmo com suas duas fileiras de pernas. Uma perninha, aliás, saíra seriamente machucada dos incidentes da manhã — era um milagre que apenas uma tivesse se machucado — e pendia inerte, arrastada pelas outras.

Só ao se aproximar da porta é que foi perceber o que o atraíra na verdade; era o cheiro de alguma coisa comestível. Com efeito, lá estava uma tigela cheia de leite fresco, no qual algumas migalhas de pão boiavam. Por pouco não riu de tanta alegria, pois continuava com uma fome ainda maior do que estava pela manhã, e na mesma hora mergulhou a cabeça no leite, quase até os olhos. No instante seguinte porém a retirou, desapontado; não apenas comer lhe era difícil, por causa do lado esquerdo avariado — e ele só





podia comer com a colaboração ofegante de todo o corpo —, mas também acima de tudo não lhe apeteceu em absoluto o leite, que antes era sua bebida favorita, e na certa por isso a irmã lho trouxera, de modo que ele, meio enojado, deixou de lado a tigela, voltando a se arrastar para o centro do quarto.

Na sala, como Gregor via pelas frinchas da porta, o gás fora aceso, porém, enquanto antigamente a essa hora o pai se dedicava à leitura em voz alta do jornal vespertino, para a mãe e à vezes também para a irmã, agora não se ouvia ruído algum. Pode ser que essa leitura, que a irmã sempre lhe descrevia e comentava nas cartas, tivesse saído da rotina nos últimos tempos. Em todo caso, o silêncio prevalecia, embora com toda a certeza o apartamento não estivesse vazio. “Mas que vida mais tranquila a família leva”, disse Gregor com seus botões e, enquanto olhava fixo a escuridão à sua frente, sentiu um grande orgulho de que pudesse proporcionar a seus pais e a sua irmã uma vida dessas em um apartamento tão bom. Mas e se agora todo o sossego, todo o bem-estar, toda a paz tivessem de chegar a um terrível fim? Para não se perder em tais pensamentos, Gregor preferiu se movimentar, e ficou se arrastando no quarto, de um lado para o outro.

Durante a longa noite, as duas portas laterais, primeiro uma, depois a outra, foram abertas uma frestinha apenas, e fechadas rapidamente em seguida; alguém sem dúvida sentia necessidade de entrar, mas resolvera pensar duas vezes. Gregor se deteve então bem na frente da porta da sala, determinado a trazer a indecisa visita para dentro de alguma maneira, ou pelo menos disposto a descobrir quem





era; a porta porém não voltou a ser aberta e ele esperou em vão. De manhã, quando as portas estavam trancadas, todos queriam entrar, agora, depois que ele abrira sozinho uma delas, e as outras ao que tudo indicava teriam sido abertas no decorrer do dia, ninguém mais vinha, mesmo com as chaves do lado de fora.

Só bem tarde da noite é que desligaram a luz da sala, e nesse momento foi fácil comprovar que os pais e a irmã haviam ficado acordados até aquela hora, pois dava para ouvir direitinho como todos os três se afastavam na ponta dos pés. Na certa até amanhã ninguém mais viria à procura de Gregor; ele tinha assim bastante tempo para refletir, sem ser incomodado, sobre o modo como devia reorganizar sua vida a partir de agora. Contudo, o quarto alto e despojado, no qual era forçado a permanecer deitado contra o rés do chão, angustiava-o, e ele não conseguia descobrir por que, uma vez que era o mesmo quarto que habitava havia já cinco anos — então, com uma meia volta quase involuntária, e não sem certa vergonha, correu para debaixo do canapé, onde se sentiu muito bem acomodado, apesar de suas costas meio espremidas e apesar de não poder mais erguer a cabeça, lamentando apenas que seu corpo fosse tão largo que não coubesse inteiro embaixo do móvel.

Ali ele passou toda a noite, uma parte em cochilos dos quais era seguidas vezes despertado de súbito pela fome, uma parte tomado por preocupações e incertas esperanças de que tudo afinal encontraria uma solução, de que o certo seria agir com calma nesse meio tempo e, com paciência e o





máximo de respeito aos familiares, tentar tornar suportável o desgosto que ele, em suas atuais circunstâncias, excepcionalmente era obrigado a lhes causar.

Já de manhã bem cedo, madrugada ainda, Gregor teve oportunidade de pôr à prova suas ponderadas decisões, pois vindo da antessala a irmã, vestida quase dos pés à cabeça, abriu a porta e examinou o interior do quarto com apreensão. Ela não o descobriu na hora, mas quando o diviso ali embaixo do canapé — Deus do céu, ele tinha de estar em algum lugar, não podia sair voando por aí — levou um susto tão grande que, sem que pudesse se controlar, voltou a fechar a porta no mesmo instante. Porém, parecendo arrependida de sua atitude, tornou a abri-la em seguida e entrou na ponta dos pés, como se ali estivesse alguém muito doente ou fosse um estranho. Gregor estendeu um tantinho a cabeça até a borda do canapé e observou a irmã. Iria ela notar que ele tinha deixado o leite intacto, lógico que de modo algum por falta de apetite, e será que traria uma outra comida que lhe fosse mais adequada? Se ela não tomasse a iniciativa, ele preferia morrer de fome a ter de chamar sua atenção para isso, embora no fundo sentisse uma vontade urgente de deixar o canapé, se atirar aos pés da irmã e pedir a ela algo de bom para comer. Mas a irmã, surpresa, logo notou a tigela ainda cheia, ao redor da qual havia apenas um pouco de leite derramado, recolheu-a no mesmo instante, claro que não com as mãos nuas, e sim com um pedaço de pano, e a levou para fora. Gregor ficou bastante curioso para saber o que ela traria em troca, e teceu as mais





diversas suposições a respeito. Nunca, porém, teria adivinhado o que a irmã, em sua grande bondade, realmente fez. A fim de testar o seu paladar, ela lhe trouxe várias coisas sortidas, que dispôs em uma folha de jornal velho. Havia ali legumes passados já meio apodrecidos; ossos da última ceia recobertos de molho branco ressecado; uma porção de passas e amêndoas; um queijo que há dois dias Gregor julgara intragável; um pedaço de pão duro, uma fatia de pão com manteiga e outra fatia com manteiga e sal. Além disso, à frente de tudo voltou a colocar a tigela, pelo visto destinada de uma vez por todas a ele, agora cheia de água. E por delicadeza, sabendo que Gregor não iria comer diante dela, afastou-se às pressas e chegou a dar a volta na chave, a fim de que ele notasse que poderia se pôr tão à vontade quanto quisesse. As perninhas de Gregor zuniram quando ele partiu na direção da comida. Suas feridas, aliás, já deviam ter sarado de todo, ele não sentia mais nenhum desconforto, o que o deixou pasmo pois lembrou como, mais de um mês atrás, havia feito com a faca um cortinho de nada no dedo, e esse machucado ainda antes de ontem doía um bocado. “Será que minha sensibilidade diminuiu?”, pensou, e sorveu ávido o queijo, que acima de todas as outras comidas o atraía imediata e energicamente. Com rapidez, um após o outro, vertendo lágrimas de contentamento, ele devorou o queijo, os legumes e o molho; os alimentos frescos, ao contrário, não agradavam o seu paladar, ele mal podia suportar-lhes o cheiro, e teve até de afastar para o lado as coisas que queria comer. Já dera cabo de tudo há algum tempo, e





continuava largado no mesmo lugar, apenas descansando, quando a irmã, para sinalizar que ele devia retroceder, deu uma volta na chave. Isso o despertou de pronto, quando estava a ponto de cochilar, e ele voltou correndo para debaixo do canapé. Mas precisou de muito autocontrole para permanecer ali embaixo durante o curto espaço de tempo em que a irmã esteve no quarto, porque, após a lauta refeição, seu corpo ficou mais redondo e ele mal conseguia respirar naquele aperto. Entre breves crises de asfixia, viu com os olhos um pouco saltados a irmã, sem desconfiar de nada, juntar com uma vassoura não apenas as sobras, mas inclusive os alimentos em que ele nem sequer chegara a tocar, como se esses também não pudessem mais ser aproveitados, e a viu ainda despejar tudo depressa em um balde que cobriu com uma tampa de madeira e levou para fora do quarto. Mal ela lhe deu as costas, Gregor avançou logo para fora do canapé e relaxou, voltando a estufar-se.

Dessa maneira recebia doravante Gregor diariamente sua refeição, a primeira vez de manhã, quando os pais e a empregada ainda dormiam, a segunda vez depois que todos almoçavam, pois era o momento em que os dois dormiam de novo ainda um bocadinho, e a empregada saía, encarregada pela irmã de uma incumbência qualquer. Com certeza os pais não queriam que Gregor morresse de fome, porém talvez só suportassem, da experiência de suas refeições, no máximo ouvir dizer que aconteciam, ou quem sabe a irmã quisesse lhes poupar mais uma aflição, ainda que pequena, pois era visto que já sofriam o bastante.





Gregor não chegou a saber com quais desculpas o médico e o chaveiro foram dispensados naquela manhã inicial, porque, como não o compreendiam, ninguém presumia, nem mesmo a irmã, que ele pudesse compreender os outros, e por isso, quando ela estava no quarto, ele era obrigado a se contentar apenas com os suspiros e os lamentos que de vez em quando escutava. Só depois que ela se acostumou um pouco com tudo — uma aceitação completa, claro, não poderia nunca ser cogitada —, é que Gregor chegou a flagrar algumas vezes uma observação mais simpática ou que assim poderia ser entendida. “Acho que hoje estava bom”, ela falava, quando Gregor havia devorado com gosto a refeição, ou, caso contrário, o que gradativamente foi se repetindo com maior frequência, costumava dizer, meio entristecida: “De novo não tocou em nada”.

Mas, conquanto não conseguisse saber de nenhuma novidade diretamente, Gregor captava quase tudo o que vinha dos cômodos adjacentes, e assim que escutava alguma voz corria no ato até a porta respectiva e colava-se a ela com o corpo todo. Sobretudo nos primeiros tempos, não havia uma conversa que, de algum modo, ainda que só às escondidas, não tratasse dele. Dois dias seguidos, durante todas as refeições, só se ouviram deliberações sobre como deviam se comportar daí em diante; mas também entre as refeições falava-se do mesmo assunto, pois havia sempre no mínimo dois membros da família em casa, dado que ninguém queria ficar sozinho ali e não tinham a menor condição de abandonar o apartamento logo de uma vez. Ainda nos primei-





ros dias — não estava muito claro nem o que nem o quanto ela sabia do incidente — a empregada pediu de joelhos à mãe que a mandasse embora de imediato, e quando, quinze minutos depois, deixava o emprego, agradeceu com lágrimas nos olhos tanto a demissão quanto o imenso favor que nessa hora lhe prestavam, e jurou de pé junto, sem que isso lhe fosse solicitado, não revelar o menor detalhe a ninguém.

Então a irmã se viu também obrigada a ajudar a mãe na cozinha; em todo caso, não era muito o esforço exigido, pois não se comia quase nada. Gregor ouvia vezes seguidas como um deles incentivava em vão o outro a comer, sempre obtendo como única resposta: “Obrigado, estou satisfeito”, ou algo semelhante. Tampouco deviam beber. Em várias ocasiões a irmã perguntava ao pai se ele não queria cerveja, e se punha com alegria à disposição para ela mesma ir buscar ou então, ante o silêncio do pai e para eliminar qualquer suspeita de inconveniência, dizia que podia mandar a zeladora ir no lugar dela, mas daí o pai respondia com um poderoso “Não” final, e não se falava mais no assunto.

Já no decorrer desses primeiros dias o pai expôs a ambas, mãe e irmã, suas reais perspectivas e condições financeiras. Aqui e ali ele deixava a mesa para ir buscar algum comprovante ou alguma caderneta no pequeno e valioso cofre que conseguira salvar da bancarrota de seu negócio, ocorrida há cinco anos. Ouvia-se ele destravar a complicada fechadura e, depois de retirar o que buscava, voltar a trancá-la. Essas explicações do pai, por um lado, foram as primeiras boas notícias que Gregor chegou a ouvir desde o





seu confinamento. Sempre achara que nada havia sobrado para o pai do antigo negócio, pelo menos o pai nunca lhe dissera o contrário, e de qualquer modo Gregor também nunca lhe perguntara nada a respeito. Sua única preocupação na época havia sido fazer de tudo para que a família superasse o mais rápido possível o contratempo comercial, que deixara todos no mais completo desalento. E foi assim que ele começou a trabalhar com uma disposição fora do comum, e passou da noite para o dia de simples balconista a caixeiro-viajante, função que evidentemente lhe abria muitas outras oportunidades de ganho, e cujos ótimos resultados, sob a forma de comissões, rápido se transformaram em dinheiro vivo que podia ser espalhado sobre a mesa em casa, diante da família assombrada e satisfeita. Foram bons tempos aqueles, que depois nunca mais se repetiram, pelo menos não com igual esplendor, apesar de Gregor ter recebido mais tarde ainda muito dinheiro, o que o capacitava a assumir, como assumiu, as despesas de toda a família. Tanto a família quanto Gregor se acostumaram logo a essa situação, eles aceitavam o dinheiro agradecidos, ele o entregava de bom grado, mas não houve mais nenhuma manifestação efusiva. Só a irmã permaneceu próxima a Gregor, ela que diferente dele amava a música e aprendera a tocar violino de um modo enternecedor, e ele planejava em segredo matriculá-la no conservatório no próximo ano, sem ligar para os altos custos que isso devia acarretar, e que seriam compensados de uma ou outra maneira. Várias vezes, nas conversas com a irmã, durante as curtas estadias de Gregor

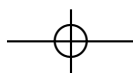




na cidade, o conservatório era mencionado, porém sempre como se fosse apenas um belo sonho, cuja realização era impensável, e os pais não ouviam essas fantasias inocentes com muita satisfação; mas Gregor havia refletido a sério sobre o assunto e pretendia anunciar seus planos oficialmente na noite de Natal.

Esses pensamentos, inúteis na sua situação atual, passavam-lhe pela cabeça enquanto permanecia lá erguido e colado à porta, escutando. Às vezes, devido ao cansaço de todo o corpo, não conseguia mais prestar atenção e deixava sem querer a cabeça bater na porta, mas a endireitava no mesmo instante, pois até o mínimo ruído que dessa forma provocava era ouvido do lado de fora e fazia todos se calarem. “Que será que tanto se mexe”, dizia o pai momentos depois, a voz alta dirigida para a porta, e só aos poucos a conversa interrompida era retomada.

Gregor ficou então cansado de saber — pois o pai fazia questão de repetir sucessivas vezes suas explicações, em parte porque há muito que ele próprio já não se ocupava dessas coisas, em parte também porque a mãe não compreendia tudo logo na primeira vez — que apesar de toda a desgraça ainda tinham disponível uma sobra orçamentária dos velhos tempos, em todo caso bastante pequena, mas que nesse ínterim os juros acumulados haviam feito crescer um pouquinho. Além disso também havia o dinheiro que Gregor todo mês deixava em casa — retirava para si apenas algumas notas —, que não era integralmente gasto e acumulara-se, originando um pequeno capital. Atrás da





porta, Gregor balançou a cabeça em sinal de aprovação, contente com essa inesperada prudência e economia. Era bem verdade que, com esse excedente de dinheiro, já poderia ter quitado outras parcelas da dívida que o pai tinha com o chefe, e aquele dia em que poderia enfim se libertar do emprego já estaria mais próximo, porém agora sem dúvida as coisas estavam melhor assim, do jeito que o pai havia organizado.

Contudo, a quantia não era em absoluto suficiente para que se pudesse viver de seus rendimentos; talvez bastasse para manter a família durante um, no máximo dois anos, para mais não dava. Eram portanto apenas economias de que não podiam dispor, e deviam conservar intactas para um caso de maior necessidade; o dinheiro do dia-a-dia teria de ser ganho. Acontece, no entanto, que o pai, embora ainda com saúde, era um homem idoso, que estava há cinco anos totalmente afastado do trabalho e além do mais já não podia fazer muito esforço; nesses cinco anos, que foram as primeiras férias de sua vida diligente porém malsucedida, ele engordara muito e por causa disso havia ficado mole e pesado. E devia a velha mãe, porventura, ir atrás do dinheiro, ela que sofria de asma e ficava cansada só de andar pelo apartamento e que, dia sim dia não, passava deitada no sofá, de janelas abertas, com crises respiratórias? Ou iria conseguir dinheiro a irmã, ainda uma criança com seus dezessete anos e que até o momento tivera uma vida invejável, nada mais que cuidar de se vestir, dormir até tarde, ajudar um pouco na casa, uma ou outra atividade





de lazer modesta e tocar violino acima de tudo? Sempre que a conversa chegava na necessidade de ganhar dinheiro, Gregor primeiro se soltava e em seguida se jogava sobre o frio sofá de couro encostado ao lado da porta, pois ficava inflamado diante de tanta humilhação e infortúnio.

Era frequente ele passar a noite inteira ali em cima, sem dormir um só minuto, horas seguidas apenas arranhando o couro. Salvo quando se dispunha a encarar o grande esforço de empurrar uma cadeira até a janela, depois subir rastejando até alcançar o parapeito e, apoiado na cadeira, inclinar-se para frente, óbvio que apenas como uma espécie de recordação da sensação de liberdade que antes tinha ao olhar pela janela. Pois era patente que dia após dia via cada vez com menos nitidez as coisas que estavam afastadas de si; não avistava mais o hospital do outro lado, cuja visão cotidiana obrigatória ele antes amaldiçoava, e, se não tivesse certeza absoluta de que morava na travessa Charlotte, uma viela tranquila, não obstante sua total urbanidade, seria capaz de acreditar que sua janela dava para um deserto no qual o cinza do céu e o cinza da terra se juntavam e eram indistinguíveis. Bastou à atenciosa irmã ver em duas ocasiões a cadeira encostada na janela para que todas as vezes, depois de arrumar o quarto, voltasse a colocá-la no mesmo lugar, e a partir de então até a folha interna da janela era deixada aberta.

Se Gregor pudesse falar com a irmã, e agradecê-la por tudo que estava obrigada a fazer por ele, aceitaria os favores com mais facilidade; assim, porém, ele sofria. A irmã





decerto procurava disfarçar ao máximo o que havia de penoso em tudo aquilo e, é claro, quanto mais o tempo passava, tanto melhor ela o conseguia, entretanto, com o passar do tempo também Gregor veio a perceber as coisas com maior exatidão. A entrada dela já lhe parecia horrível. Mal havia entrado, sem sequer parar para fechar a porta, ela que antes tanto se esforçava para esconder de todos a visão de Gregor, disparava até a janela e a escancarava com as mãos apressadas, como se estivesse sufocando, e ficava ali parada um instante, retomando o fôlego, mesmo quando o frio era intenso. A correria e o barulho assustavam Gregor duas vezes por dia; todos esses momentos passava tremendo embaixo do canapé e todavia sabia muito bem que ela com certeza o dispensaria de tal, se ao menos lhe fosse possível permanecer com as janelas fechadas num quarto por ele ocupado.

Uma ocasião, passado já todo um mês desde a transformação, não havendo mais nenhuma razão especial para a irmã se admirar com a aparência de Gregor, ela veio um pouco antes do que costumava e o flagrou quando ele ainda olhava pela janela, imóvel e dessa forma numa situação propensa a provocar um susto. Se ela não entrasse, não teria sido uma atitude inesperada para Gregor, uma vez que em sua posição ele a impedia de abrir de imediato a janela, mas ela não apenas não entrou, como chegou a retroceder e a trancar a porta; uma pessoa estranha teria o direito de pensar que ele estava lá à espreita com a intenção de mordê-la. Gregor, logicamente, foi logo se esconder embaixo do canapé, porém teve de esperar até o meio-dia para que a irmã





voltasse, e ela pareceu muito mais desconfiada do que antes. Ele percebeu então que sua visão ainda era insuportável para ela, e seguiria sendo insuportável no futuro, e que ela devia se superar para não sair correndo ao avistar ainda que apenas uma ínfima parte de seu corpo de sob o canapé. A fim de preservá-la inclusive dessa mínima visão, ele um dia carregou o lençol nas costas até o canapé — precisou de quatro horas para a operação — e o arranjou de um modo tal que todo o seu corpo ficaria encoberto, e a irmã, ainda que se abaixasse, não conseguiria vê-lo. Se em sua opinião o lençol não fosse necessário, então ela mesma poderia retirá-lo, pois estava claro o bastante que não era nada do agrado dele isolar-se assim tão completamente, porém ela deixou o lençol do jeito que estava, e Gregor chegou a crer que divisara um olhar de agradecimento quando uma vez cauteloso ergueu um pouquinho o pano com a cabeça, para verificar como a irmã havia recebido o novo arranjo.

Nos primeiros quinze dias os pais não conseguiram superar o receio de entrar no quarto dele, e Gregor muitas vezes ouviu como aprovavam sem reservas o trabalho realizado pela irmã, apesar de até então terem vivido meio aborrecidos com ela, que lhes parecia uma menina um tanto quanto inútil. Mas agora os dois, pai e mãe, sempre esperavam diante da porta, enquanto a irmã cuidava da arrumação, e mal ela saía tinha de descrever em detalhes quais eram as condições do quarto, o que Gregor havia comido, como agira dessa vez, e se dava para notar algum sinal de melhora. A mãe, aliás, logo no começo teve vontade de ir





vê-lo, mas o pai e a irmã a detiveram, a princípio com argumentos sensatos, aos quais Gregor prestou muita atenção e com os quais estava inteiramente de acordo. Depois, porém, precisaram retê-la à força, e quando enfim ela gritou: “Me deixem entrar, é o coitado do meu filho! Vocês não entendem que eu tenho que ver o meu filho?”, Gregor então pensou que talvez fosse bom se a mãe viesse vê-lo, não todo dia, é lógico, mas podia ser uma vez por semana; ela com certeza compreendia tudo muito melhor do que a irmã, que apesar de todo o seu empenho era ainda só uma criança e em última hipótese devia ter assumido um encargo tão pesado apenas por causa de sua insensatez juvenil.

Não demorou para Gregor satisfazer o seu desejo de ver a mãe. De dia, em atenção aos pais, ele já não queria aparecer à janela, mas também não tinha como rastejar muito nos poucos metros quadrados do chão, era difícil ficar parado durante a noite, a comida logo deixou de lhe proporcionar o menor prazer, e assim, como distração, ele adquiriu o hábito de rastejar de um lado para o outro pelas paredes e pelo forro. Gostava em especial de se pendurar lá em cima, no teto; era bem diferente de ficar deitado no chão; respirava-se com maior liberdade; uma vibração leve corria pelo corpo; e no abandono quase feliz em que se encontrava lá no alto, podia acontecer de se soltar, surpreendendo a si próprio, e se espatifar no chão. Agora, porém, naturalmente, ele tinha sobre seu corpo um domínio muito maior do que antes, e não se machucava, mesmo caindo de uma altura dessas. A irmã percebeu de imediato o novo divertimento que Gregor





havia descoberto — ele deixava um rastro de grude aqui e ali —, e aí lhe veio à cabeça dar a ele o máximo de espaço para rastejar, removendo os móveis que o atrapalhavam, ou seja, principalmente o guarda-roupa e a escrivaninha. Ocorre que não seria capaz de fazer tudo isso sozinha; não ousava pedir a colaboração do pai; a empregada com toda a certeza não a ajudaria pois, para uma mocinha de mais ou menos dezesseis anos, esta até que resistia com bravura desde a dispensa da antiga cozinheira, contudo havia solicitado permissão para manter a cozinha o tempo todo trancada, e só ser obrigada a abrir em caso de extrema necessidade; assim só restou à irmã como opção ir atrás da mãe, em uma das ausências do pai. A mãe a seguiu com arroubos de uma alegria incontida, mas ficou muda diante da porta. Lógico que a irmã conferiu primeiro, para ver se estava tudo em ordem no quarto; só depois é que a mãe pôde entrar. Gregor na pressa havia puxado o lençol mais para baixo, deixando-o mais amarrotado, o conjunto dava mesmo a impressão de um lençol atirado ao acaso sobre o canapé. Gregor também, nessa ocasião, absteve-se de erguer o pano para espiar; renunciava a ver a mãe logo dessa vez, e contentava-se só por ela estar ali de verdade. “Pode vir, ele não está à vista”, disse a irmã, ao que tudo indica puxando a mãe pela mão. Gregor ouviu então como as duas mulheres magras empurraram o guarda-roupa, todavia pesado, de seu lugar, e como a irmã insistiu em tomar para si a maior parte da tarefa, sem dar ouvidos às advertências da mãe, receosa de que a filha se cansasse demais. Demorava muito. Após uns bons





quinze minutos, a mãe disse que o melhor seria deixar o móvel ali mesmo, em primeiro lugar porque ele era muito pesado, não conseguiriam terminar antes da chegada do pai e com o guarda-roupa no meio do quarto iriam bloquear toda a passagem a Gregor, em segundo lugar, porém, porque não havia certeza de que a retirada dos móveis fosse do agrado dele. A ela lhe parecia o inverso; a visão das paredes vazias era de oprimir o coração; e por que Gregor não teria a mesma sensação, ele que já estava há tanto tempo acostumado com os móveis e por isso se sentiria abandonado no quarto vazio? “E não será o caso”, concluiu a mãe bem baixinho, já quase num sussurro, como se quisesse impedir que Gregor, cujo esconderijo exato ela desconhecia, ouvisse sequer o rumor de sua voz, pois que ele não compreendia as palavras, disso estava convencida, “e não será o caso, ao retirar os móveis, de demonstrar com isso que renunciamos a qualquer esperança de recuperação e o deixamos, sem a menor consideração, entregue à própria sorte? Eu penso que seria melhor tentar manter o quarto do jeitinho que estava antes, para que Gregor, quando voltar de novo para a gente, encontre tudo inalterado e possa ainda mais rápido esquecer esse intervalo de tempo.”

Ao escutar essas palavras da mãe, Gregor admitiu que a privação total, nesses últimos dois meses, de qualquer conversação humana direta, associada ao convívio regular no seio da família, devia ter perturbado seu juízo, pois de outro modo não saberia explicar como pôde sinceramente desejar que seu quarto fosse esvaziado. Tinha de fato vontade de





que esse quarto aconchegante, com seus móveis antigos dispostos de forma tão cômoda, fosse transformado numa toca onde ele poderia rastejar livre e despreocupado em todas as direções, todavia sob o risco do esquecimento paralelo, rápido e rasteiro, de seu passado humano? Já estava aliás bem próximo desse esquecimento, e só mesmo a voz da mãe, que há muito não ouvia, para alertá-lo. Nada tinha de ser removido; tudo deveria ficar como estava; ele não podia dispensar as influências benéficas dos móveis sobre sua condição; e se estes o impedissem de praticar o seu rastejar absurdo, isso não era uma perda, e sim uma grande vantagem.

Infelizmente, porém, a irmã era de outra opinião; ela se acostumara, a propósito não sem um certo direito, a se contrapor aos pais nas discussões que tinham Gregor como tema, comportando-se como uma especialista no assunto, e assim naquela hora o conselho da mãe foi motivo suficiente para que insistisse, não só na remoção do guarda-roupa e da escrivaninha, como a princípio pensara, mas também na retirada de todo o mobiliário, com exceção do canapé, indispensável. O que a aferrava a essa exigência era, claro, não apenas uma teimosia infantil e a autoconfiança tão inesperada, adquirida a duras penas nos últimos tempos; ela com efeito também observara que Gregor precisava de bastante espaço para rastejar, ao passo que dos móveis, pelo contrário, tanto quanto se podia ver, não aproveitava quase nada. Contudo, talvez colaborasse para sua atitude o espírito entusiástico das jovens de sua idade, que não perde ocasião de se manifestar e com o qual Grete era no





momento instigada a querer tornar ainda mais assustadora a situação de Gregor, para que então pudesse realizar por ele mais do que fizera até agora. Pois em um local no qual apenas Gregor imperasse entre as paredes vazias, é seguro que ninguém, a não ser Grete, jamais se atreveria a entrar.

E assim ela não se deixou dissuadir de sua decisão pela mãe que, presa de pura inquietação, se sentindo muito insegura dentro do quarto, logo se calou e ajudou a irmã, na medida de suas forças, a levar o guarda-roupa para fora. Ora, em último caso Gregor ainda podia dispensar este móvel, mas a escrivaninha, esta tinha que ficar. E as mulheres mal haviam deixado o quarto com o guarda-roupa, contra o qual se espremiavam, gemendo, quando Gregor projetou a cabeça por baixo do canapé, para ver como daria para interferir com prudência e o máximo de delicadeza possível. Mas, por infelicidade, foi bem a mãe quem retornou primeiro, enquanto Grete no cômodo ao lado se atracava ao guarda-roupa e tentava balançá-lo de um lado para o outro, é lógico que sem conseguir tirá-lo do lugar. A mãe, porém, não estava habituada à aparência de Gregor, poderia ter um ataque, e por isso espavorido ele retrocedeu depressa até o fundo do canapé, entretanto não pôde mais evitar que o lençol se movimentasse um pouco na parte da frente. Foi o suficiente para chamar a atenção da mãe. Ela estacou, ficou um instante imobilizada e então voltou para junto de Grete.

Apesar de Gregor repetir consigo mesmo, sucessivamente, que nada de excepcional acontecia, era tão-só a mudança de uns poucos móveis, esse vai e vem das mulheres,





as breves exortações entre elas, os riscos dos móveis no assoalho, isso tudo o atingia, ele logo teve de reconhecer, como se fosse um grande tumulto, com ruídos vindo de todos os lados, e mesmo mantendo cabeça e pernas encolhidas e o corpo colado ao chão, ele se via forçado a admitir que logo não suportaria mais aquilo. Estavam esvaziando seu quarto; retiravam tudo o que tinha de mais caro; o guarda-roupa, onde guardava o arco de serra e as outras ferramentas, elas já haviam levado; agora soltavam a escrivaninha que fora bem fixada no chão, e na qual ele escrevera suas lições no tempo da escola de comércio, do colégio e até mesmo do primário — de modo que não sobrava muito tempo para que avaliasse quão boas eram as intenções das duas mulheres, de cuja real existência aliás ele já havia quase se esquecido, pois, de exaustas, elas agora trabalhavam mudas, e ouviam-se apenas as passadas pesadas de seus pés.

E assim, pois — na hora em que as mulheres, já no cômodo ao lado, apoiavam-se à escrivaninha, procurando retomar o fôlego —, ele avançou para fora, mudou de posição quatro vezes, calculando a direção da corrida, sem saber ao certo o que salvar primeiro, quando notou, em destaque na parede já de todo nua, o quadro pendurado da dona vestida puramente de peles, rastejou rápido até lá e apertou-se contra o vidro, que o prendeu e refrescou o calor de sua barriga. Pelo menos esse quadro, que agora Gregor cobria por completo, com certeza ninguém levaria mais embora. Ele girou a cabeça na direção da porta da sala, para prestar atenção nas mulheres, que retornavam.





Elas não haviam se permitido muito tempo de descanso e logo estavam de volta; Grete vinha com o braço ao redor da mãe e como que a arrastava. “E agora, o que levamos?”, disse e olhou ao seu redor. Foi então que se cruzaram, seu olhar com o de Gregor na parede. Por certo só em razão da presença materna é que ela conservou a calma, abaixou o rosto para junto da mãe, na tentativa de impedi-la de olhar à sua volta, e falou, não obstante trêmula e irrefletidamente: “Vamos voltar, não é melhor a gente descansar mais um tempinho na sala?”. Para Gregor, a intenção de Grete era clara, ela queria garantir a segurança da mãe para depois vir varrê-lo da parede. Pois ela que experimentasse! Ele estava unido ao seu quadro e não o entregaria. Preferia pular na cara dela.

Mas as palavras de Grete a rigor só conseguiram sobresaltar a mãe, que deu um passo para o lado, avistou a monstruosa mancha marrom sobre as flores do papel de parede, gritou, com uma voz gutural e aflita, antes mesmo de tomar consciência de que aquilo que via era Gregor: “Meu Deus, meu Deus!”, e caiu por cima do canapé, com os braços estendidos, como se largasse mão de tudo, e não voltou a se mexer. “Você, hein, Gregor!”, bradou a irmã de punho erguido e com o olhar severo. Eram as primeiras palavras diretas que lhe dirigia desde a transformação. Ela correu para o cômodo ao lado, em busca de alguma essência com que pudesse despertar a mãe desfalecida; Gregor também queria ajudar — a defesa do quadro podia ser adiada —, mas estava tão grudado ao vidro que precisou usar da força para





se soltar; em seguida correu também até o aposento vizinho, acreditando poder dar à irmã algum conselho, como nos velhos tempos; não conseguiu fazer nada, porém, além de ficar imóvel atrás dela; enquanto ainda remexia em diferentes frasquinhos, ela se virou e tomou um baita susto; um vidro caiu no chão e se espatifou; um caco feriu Gregor no rosto, uma substância corrosiva escorreu sobre ele; Grete, sem mais perda de tempo, simplesmente pegou tantos frascos quanto podia carregar e disparou com eles para junto da mãe; ao sair bateu a porta com o pé. Gregor foi assim isolado da mãe, que por culpa dele talvez estivesse a ponto de morrer; a porta ele não devia abrir, se não quisesse espantar a irmã, que precisava ficar ao lado da mãe; não tinha no momento nada a fazer, a não ser esperar; então, presa de remorsos e preocupação, ele começou a rastejar, passando por cima de tudo, paredes, móveis, teto, e por fim, em seu desespero, logo que todo o aposento começou a girar em torno de si, caiu bem no centro, em cima da mesa grande.

Um breve intervalo de tempo transcorreu, Gregor continuava ali deitado, prostrado, ao redor o silêncio, talvez isso fosse um bom sinal. Então a campainha tocou. A mocinha, logicamente, estava trancada na cozinha e por isso Grete teve de ir abrir. O pai estava de volta. “O que aconteceu?”, foram suas primeiras palavras; a expressão da filha por certo lhe revelara tudo. Grete respondeu com a voz abafada, o rosto apertado contra o peito do pai: “Mamãe teve um desmaio, mas já está melhor. Gregor escapuliu”. “Eu já esperava por isso”, disse o pai, “era o que eu sempre dizia,





mas vocês mulheres não quiseram me dar ouvidos.” Para Gregor ficou nítido que o pai entendera mal o relato demasiado conciso de Grete e supunha que ele tivesse cometido alguma brutalidade. Por isso devia agora tentar apaziguá-lo, pois para esclarecer as coisas não havia tempo, tampouco possibilidade. De modo que se afastou até a porta do seu quarto e ficou bem junto dela, para que o pai, assim que entrasse pela antessala, pudesse ver que ele tinha toda a intenção de regressar imediatamente aos seus aposentos, e que não seria preciso tocá-lo de volta, pelo contrário, bastava apenas abrir a porta e na mesma hora ele desapareceria.

Mas o pai não estava em condições de perceber tais sutilezas; “Arrá!”, ele gritou logo ao entrar, em um tom que parecia ao mesmo tempo satisfeito e ameaçador. Gregor tirou a cabeça da porta e a suspendeu na direção do pai. Na verdade nunca havia imaginado o pai assim, como se apresentava agora; além disso, nos últimos tempos, por conta da empolgação com o rastejar, deixara de se preocupar como antes com os acontecimentos no resto do apartamento, e portanto deveria estar pronto para encontrar muita coisa mudada. Apesar disso, apesar de tudo, ainda era o pai? O mesmo homem que antigamente, nas manhãs em que Gregor saía para uma viagem de negócios, permanecia enterrado na cama, esgotado; que nas noites de regresso o recebia no cadeirão, de pijama; incapaz de se erguer direito, podendo apenas levantar os braços como sinal de alegria, e que nos raros passeios da família, em um ou outro domingo do ano e nas datas mais importantes, entre Gregor e





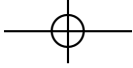
a mãe, que em atenção a ele andavam devagar, caminhava sempre um pouco mais devagar ainda, embrulhado em seu sobretudo gasto, avançando a custo com a maior atenção ao apoiar a bengala, e quando queria falar quase sempre se detinha e obrigava os outros a se reunir a seu redor? Agora, porém, ele estava mesmo bem empertigado; metido em um uniforme muito justo, azul com botões dourados, igual ao usado pelos contínuos dos bancos; sobre o alto colarinho engomado do casaco desdobrava-se sua papada dupla; sob as sobrancelhas espessas afluía o brilho radiante e atento dos olhos escuros; o cabelo branco, outrora todo espetado, fora emplastado e repartido rigorosamente ao meio em um penteado meticuloso e lúcido. O quepe, no qual despontava um monograma dourado, decerto de uma casa bancária, ele jogou em cima do canapé, num lançamento em curva que cruzou todo o cômodo, depois marchou em direção a Gregor com a cara amarrada, as abas do casaco do uniforme postas para trás, as mãos nos bolsos da calça. Ele próprio não sabia direito como proceder; ainda assim, erguia os pés a uma altura fora do comum, e Gregor se espantou com as proporções colossais do solado de suas botas. Claro que não ficaria apenas nisso, sempre soube, desde o primeiro dia de sua nova vida, que o pai, para lidar com ele, só considerava apropriado o máximo de rigor. Então saiu da sua frente correndo, estacando quando o pai ficava parado e voltando a se apressar mal o pai se mexia. Desse modo deram mais de uma vez a volta pelo cômodo, sem que algo de decisivo acontecesse, inclusive sem que, no geral, em







consequência do lento andamento, houvesse a aparência de uma perseguição. Em vista disso, Gregor por enquanto também se mantinha no chão, tanto mais temendo que o pai pudesse tomar uma fuga pelas paredes ou pelo teto como uma provocação maldosa. Contudo, foi obrigado a reconhecer que não suportaria essas corridinhas por muito mais tempo, porque, enquanto o pai dava um passo, ele tinha de realizar um sem-número de movimentos. A dificuldade de respirar logo começou a aparecer, visto que, como nos velhos tempos, também não dispunha agora de pulmões dignos de confiança. Por isso, ao se balançar para os lados, a fim de reunir todas as forças para a corrida, nem abria os olhos; em sua obtusidade, não conseguia pensar em outra solução a não ser correr; e quase já havia esquecido que podia contar com as paredes, as quais, todavia, eram aqui obstruídas por móveis finamente talhados, cheios de pontas e quinas — foi quando passou raspando ao lado dele alguma coisa que, arremessada sem força, caiu e rolou à sua frente. Era uma maçã; logo uma segunda voou em sua direção; Gregor ficou paralisado de medo; uma nova corrida era inútil, pois o pai estava determinado a um bombardeio. Tinha enchido os bolsos na fruteira do aparador e, sem caprichar na pontaria por enquanto, atirava, maçã atrás de maçã. As pequenas frutas vermelhas rolavam pelo chão, pareciam imantadas, e batiam umas contra as outras. Uma maçã lançada de mansinho atingiu Gregor de leve, mas ricocheteou sem maiores danos. A que veio voando logo em seguida, ao contrário, penetrou firme em suas costas; Gregor quis ainda se arras-





tar como se a dor extraordinariamente incrível fosse passar com a mudança de posição; porém ele se sentia como se estivesse pregado e desmoronou, em completo colapso de todos os sentidos. Só num último relance ainda pôde ver como a porta de seu quarto se escancarou e a mãe, à frente da irmã que gritava, entrou depressa, sem o vestido, pois a irmã a despira após o desmaio para permitir-lhe uma respiração mais livre, como em seguida a mãe correu ao encontro do pai e suas anáguas desapertadas escorregaram uma após a outra até o chão, e como ela, tropeçando nas vestes caídas, atirando-se sobre o pai e o abraçando, em completa conjunção com ele — mas nessa hora a visão de Gregor já vacilava —, cruzando as mãos em torno de seu pescoço, pediu clemência pela vida de Gregor.





III

O ferimento sério, com o qual padeceu mais de um mês — a maçã continuou, uma vez que ninguém se atreveu a retirar, enfiada na carne, como uma recordação exposta —, pareceu fazer até mesmo o pai se lembrar de que Gregor, apesar de suas feições asquerosas e deprimentes, era um membro da família, e não merecia ser tratado que nem um inimigo, pelo contrário, no seu caso a lei das obrigações familiares mandava engolir a repulsa e tolerar, nada além de tolerar.

E se então, devido ao ferimento, Gregor também havia perdido certa mobilidade, talvez para sempre, e necessitava no momento, como um veterano mutilado, de longos e longos minutos para cruzar seu quarto — rastejar no alto, nem pensar —, agora, em troca desse sensível declínio em suas condições, recebia uma compensação em sua opinião bastante satisfatória, dado que à noitinha a porta da sala, que uma ou duas horas antes ele já tratava de observar com atenção, era em geral aberta para que, deitado no escuro do seu quarto, não visível da sala, ele pudesse ver a família reunida na mesa iluminada e escutar suas conversas, de certo modo com o consentimento de todos, e portanto bem diferente de antes.

Decerto não eram mais aquelas reuniões calorosas dos velhos tempos, que nos minúsculos quartos de hotel Gregor imaginara, nunca sem uma ponta de inveja, quando, exausto, era obrigado a se enfiar nos lençóis gelados.





Tudo agora transcorria quase sempre na maior monotonia. Depois do jantar o pai logo pegava no sono em sua cadeira; a mãe e a irmã recomendavam silêncio uma à outra; a mãe, bastante curvada embaixo da luz, costurava fina roupa branca para uma loja de confecções; a irmã, que arranjara um emprego de vendedora, aprendia taquigrafia e francês à noite, para quem sabe mais tarde obter um cargo melhor. Às vezes o pai despertava e, sem nem se dar conta de que estivera dormindo, dizia para a mãe: “Mas que tanto você fica aí só costurando!”, e voltava a adormecer no instante seguinte, enquanto mãe e irmã trocavam entre si um sorriso fatigado.

Com uma birra particular, o pai nem em casa aceitava tirar seu uniforme de serviço; e enquanto o pijama pendia inútil no cabide ele cochilava no seu canto completamente vestido, como se estivesse sempre a postos para o trabalho e mesmo aqui esperasse pelas ordens do supervisor. Em consequência disso, o uniforme, que já não era novo no começo, não parava limpo, apesar de todo o cuidado da mãe e da irmã, e Gregor olhava várias vezes a noite inteira para aquela roupa vistosa, com seus botões dourados superlustrados, e a cada dia mais cheia de nódoas, com a qual o velho no maior desconforto dormia, entretanto, bem tranquilo.

Na hora em que o relógio chegava às dez, a mãe, fingindo brônquear, chamava o pai e em seguida tentava persuadi-lo a ir para a cama, pois ali não era lugar de dormir e uma boa noite de sono seria imprescindível para ele, que devia se apresentar às seis da manhã em seu emprego. Mas,





com a teima que tinha desde que estava empregado, o pai sempre insistia em permanecer à mesa, embora invariavelmente adormecesse, e então, além de tudo, era a maior mão-de-obra induzi-lo a trocar a cadeira pela cama. Por mais que a mãe e a irmã o animassem com breves incentivos, ele ficava uns quinze minutos balançando devagar a cabeça, mantinha os olhos fechados, e não se levantava. A mãe o puxava pela manga, sussurrava palavras ternas ao pé do seu ouvido, a irmã deixava as lições para ajudá-la, mas com o pai isso de nada valia. Ele só afundava ainda mais na cadeira. Apenas quando as mulheres o tomavam pelos braços é que ele entreabria os olhos, olhava alternado para a mãe e para a irmã, fazendo questão de dizer: “Isto é que é vida. Este é o sossego da minha velhice”. E apoiado nas duas se levantava, com muita dificuldade, como se fosse ele mesmo o que mais lhe pesava, deixava-se conduzir pelas mulheres até a porta, lá as dispensava e prosseguia então sozinho, enquanto a mãe largava às pressas o estojo de costura, a irmã a pena, para irem correndo atrás dele e continuar ajudando.

Nessa família esfalfada e moída pelo trabalho, quem teria tempo para se ocupar com Gregor além do estritamente necessário? O orçamento doméstico era cada vez mais apertado; a empregada já fora inclusive dispensada; uma faxineira enorme e robusta, com uma cabeleira branca esvoaçando pela cabeça, vinha agora pela manhã e no final da tarde para dar conta do serviço pesado; o restante sobrava para a mãe, junto com suas muitas obrigações de costura.





Até aconteceu de diversas joias da família, que no passado a mãe e a irmã chegaram a ostentar radiantes em recepções e cerimônias, terem de ser vendidas, como Gregor veio a saber à noite pela falação geral em torno do montante obtido. A maior reclamação, porém, era sempre a de que não podiam abandonar aquele apartamento, grande demais nas atuais circunstâncias, por não saberem como incluir Gregor na mudança. Mas Gregor percebia muito bem que não era apenas a preocupação com ele que impedia uma mudança, pois seria simples transportá-lo em uma caixa apropriada, com alguns furos para a entrada de ar; o que realmente re-freava a troca de apartamento era muito mais a total falta de esperanças da família e o pensamento de que uma desgraça tal os fustigava, como nunca a ninguém em todo o seu círculo de parentes e conhecidos. O que o mundo demandava aos pobres, eles ofereciam ao máximo, o pai ia buscar café para os funcionários do baixo escalão do banco, a mãe se sacrificava pela roupa íntima de pessoas estranhas, a irmã corria de um lado para o outro do balcão atrás das exigências dos fregueses, mas as forças da família já estavam no limite. E a ferida aberta nas costas voltava a doer em Gregor como na primeira vez, quando a mãe e a irmã, depois de colocarem o pai na cama, regressavam, deixavam a ocupação de lado, aproximavam-se uma da outra e sentavam-se já de rosto colado; quando a mãe, apontando para o quarto de Gregor, dizia: “Fecha aquela porta, Grete”, e quando enfim Gregor voltava à escuridão, enquanto do ou-





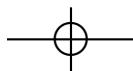
tro lado as mulheres misturavam suas lágrimas ou então, sem lacrimejar, contemplavam a mesa desconsoladas.

Gregor desperdiçava as noites e os dias e já quase não dormia. Algumas vezes pensava em retomar as rédeas dos assuntos da família, igualzinho como antes, na próxima vez que a porta fosse aberta; em seus pensamentos voltavam a aparecer, depois de muito tempo, o chefe e o gerente, os balconistas e os aprendizes, o imbecil do menino de recados, dois ou três colegas de outras lojas, uma camareira de um hotel no interior, lembrança querida e fugaz, uma atendente de caixa de uma loja de chapéus, a quem cortejara a sério porém de modo muito tímido — todos eles apareciam misturados com pessoas estranhas ou já esquecidas, só que não serviam de ajuda a ele e à sua família, ao contrário, eram indistintamente inapeláveis, e Gregor ficava contente quando desapareciam. Mas daí não tinha mais nenhuma gana de se preocupar com a família, sobrevinha apenas a raiva pelo desleixo e, apesar de não poder imaginar nada que aticasse o seu apetite, planejava um modo de alcançar a despesa para retirar de lá ao menos o que lhe era devido, ainda que não estivesse com fome. A irmã agora, de manhã e ao meio-dia, antes de sair correndo para a loja, sem nem cogitar uma forma de fazer um agrado especial a ele, empurrava para dentro do quarto às pressas, com o pé, algum resto de comida qualquer, que à noitinha ela botava para fora com uma vassourada, nem reparando se a comida por acaso havia sido provada ou — caso mais frequente — continuava perfeitamente intacta. A arrumação do quarto, de





que ela agora só se ocupava à noite, não poderia ser feita de modo mais rápido. Trilhas de sujeira se estendiam pelas paredes, em toda parte cresciam montinhos de pó e lixo. Nas primeiras vezes, assim que a irmã entrava, Gregor se posicionava de maneira a deixar patente a sua insatisfação. Mas poderia ficar ali parado uma semana, sem que a irmã se emendasse; ela enxergava a imundície tanto quanto ele, porém estava determinada a ignorá-la. Ademais, com uma suscetibilidade há pouco adquirida, que a propósito contaminara toda a família, ela zelava para que a arrumação do quarto de Gregor ficasse exclusivamente por sua conta. Uma vez a mãe submeteu o quarto a uma faxina geral, tarefa somente possível com o emprego de várias tinhas de água — a umidade em excesso, no fim, também fez mal a Gregor e ele foi deitar em cima do canapé, meio grogue, amargurado e incapaz de se mover —, mas o castigo da mãe não tardou a chegar. Pois à noite a irmã, mal notara a mudança no quarto, voltou correndo para a sala, ofendidíssima, e, não obstante o gesto de súplica das mãos erguidas da mãe, irrompeu numa crise de choro que os pais — o pai naturalmente acordou de um pulo de sua cadeira — a princípio observaram aturdidos e sem ação; até que também se condoeram; o pai repreendia a mãe à direita, por não ter deixado à irmã a limpeza do quarto de Gregor; à esquerda, por outro lado, berrava com a irmã, exigindo que ela nunca mais limpasse aquele quarto; enquanto a mãe tentava levar para a cama o pai, que ficara fora de si nesse alvoroço, a irmã, sacudida pelos soluços, martelava a mesa com seus





punhos pequenos; e Gregor silvava alto de raiva, porque ninguém havia se lembrado de fechar a porta e poupá-lo da cena e de toda aquela barulheira.

Mas mesmo se a irmã, exaurida por sua atividade profissional, estivesse cheia de cuidar dele como cuidava antes, a mãe não teria de modo algum obrigação de rendê-la e Gregor ainda assim não precisava ficar ao desamparo. Pois agora tinham a faxineira. Essa velha viúva, que em sua longa vida devia ter superado as piores situações com a ajuda de sua notável robustez, não nutria a rigor nenhuma aversão por Gregor. Não sendo de modo algum curiosa, havia uma vez por acaso aberto a porta do quarto dele, que pego de surpresa começou a correr de um lado para outro, embora ninguém o perseguisse, e ao avistá-lo ela continuou de pé onde estava, as mãos cruzadas no peito, admirada. Desde então, não passava um dia sem entreabrir a porta, de manhã e no final da tarde, para espiar Gregor um minutinho. No começo, ela também o chamava com palavras que devia julgar simpáticas, tais como “Vem cá, bichão!” ou “Cadê o velho besourão?!”. Gregor não atendia a esses chamados, ficava mais é quieto no seu canto, como se a porta nem tivesse sido aberta. Se ao menos fosse ordenado a essa faxineira que, em vez de satisfazer seus caprichos indo perturbá-lo para nada, limpasse seu quarto todos os dias! Certa ocasião, de manhã cedinho — uma chuva pesada golpeava a vidraça, talvez já um sinal anunciando a primavera —, logo que a faxineira veio de novo com aquele jeito de falar, Gregor ficou irritado de tal modo que se virou para ela, é certo





que num passo lento e debilitado, como se fosse partir para o ataque. A faxineira, porém, em vez de se intimidar, simplesmente tomou uma cadeira que encontrou ao lado da porta, ergueu-a bem no alto e, do modo como ficou parada lá com a bocona escancarada, era clara sua intenção de só fechá-la quando a cadeira em suas mãos tivesse baixado nas costas dele. “Não vai avançar mais?”, ela perguntou, ao vê-lo retroceder, e pôs de volta tranquila a cadeira em seu lugar.

Gregor já não comia quase nada. Só quando por acaso topava com a comida disponível é que abocanhava de brincadeira uma pequena porção, que mantinha na boca horas a fio e depois cuspiu fora, na maior parte das vezes. A princípio pensou que era a tristeza com o estado de seu quarto que o impedia de comer, mas foi justo com as mudanças do quarto que ele se conformou mais depressa. Coisas que não podiam ser alojadas em outra parte eram jogadas lá dentro, e agora havia muitas dessas coisas, dado que um quarto do apartamento havia sido alugado para três inquilinos. Esses senhores muito sérios — todos os três usavam barba, como Gregor averiguou certa vez por uma fresta da porta — eram cheios de escrúpulos quanto à ordem, não apenas no quarto que ocupavam, mas também, já que agora estavam hospedados ali, em toda a casa, particularmente na cozinha. Não toleravam trastes inúteis, muito menos sujos. Além disso haviam trazido consigo, em grande parte, seus próprios móveis e objetos de decoração. Por esse motivo muitas coisas se tornaram supérfluas, coisas que na verdade não eram





vendáveis, mas que também não se queria jogar fora. Todas elas rumaram para o quarto de Gregor. Mesmo destino da caixa de cinzas e do cesto de lixo da cozinha. Bastava que algo não tivesse utilidade no momento para que a faxineira, sempre com muita pressa, simplesmente o atirasse para dentro do quarto de Gregor; na maioria das vezes, por sorte, Gregor via só o objeto em questão e a mão que o segurava. Pode ser que a faxineira tivesse a intenção, havendo tempo e oportunidade, de pegar as coisas de volta ou então de jogar tudo fora de uma vez, mas na prática elas ficavam por lá, largadas no mesmo local onde haviam sido atiradas, a não ser quando Gregor se retorcia no meio da tralha e começava a deslocá-las, no começo forçado, porque já não sobrava espaço livre para rastejar, mas depois com uma alegria crescente, embora, ao final dessas excursões, morto de cansaço e mágoa, ficasse horas sem poder se movimentar de novo.

Como os inquilinos às vezes jantavam em casa, na sala, que era de uso comum, a porta que dava para lá permanecia fechada algumas noites, mas Gregor abdicava de sua abertura sem dificuldade, já tendo inclusive deixado de aproveitá-la em várias ocasiões em que fora franqueada, preferindo ficar encolhido, sem que a família percebesse, no canto mais escuro do seu quarto. Uma vez, porém, a faxineira deixou essa porta um tanto entreaberta, e assim ela ficou, mesmo quando os inquilinos entraram à noite e a luz foi acesa. Eles foram se sentar à ponta da mesa, onde antigamente o pai, a mãe e Gregor comiam, desdobraram os





guardanapos e empunharam garfo e faca. Na mesma hora a mãe apareceu na porta com uma travessa de carne e bem atrás dela a irmã com outra travessa transbordando de batatas. A comida fervia numa nuvem de vapor. Os inquilinos se curvaram sobre as travessas colocadas à sua frente, como se quisessem dar uma conferida antes de comer, e de fato o que estava sentado no meio, e parecia ter mais autoridade que os outros dois, deu um talho na carne ainda na travessa, averiguando de modo ostensivo se estava tenra o suficiente e se não era o caso de devolvê-la à cozinha. Ele ficou satisfeito, e a mãe e a irmã, que observavam apreensivas, puderam suspirar com um sorriso de alívio.

A família mesmo foi comer na cozinha. Apesar disso, antes de ir para lá o pai veio até a sala e, com uma única medida, o quepe na mão, deu a volta em torno da mesa. Os inquilinos levantaram-se juntos e murmuraram de má vontade qualquer coisa lá com suas barbas. Quando então ficaram a sós, comeram quase que em total silêncio. Gregor achou estranho que, de todos os diversos ruídos que acompanham uma refeição, o mais perceptível fosse o som de dentes mastigando, como se com isso devesse ser mostrado a ele que para comer eram necessários dentes, e que com mandíbulas banguelas, mesmo as mais bonitas, não se obtém sucesso. “Eu tenho sim vontade de comer”, Gregor disse a si mesmo, muito preocupado, “só que não essas coisas. Como comem esses inquilinos, e eu aqui definhando!”

Bem naquela noite — Gregor não se lembrava de tê-lo escutado em todo aquele tempo — veio da cozinha o som do





violino. Os inquilinos já haviam terminado sua refeição noturna, o do meio desdobrou um jornal, deu aos outros dois uma folha cada, e agora eles liam recostados e fumavam. Quando o violino começou a soar, tiveram a atenção despertada, ergueram-se e foram na ponta dos pés até a porta da antessala, onde ficaram parados, um espremido contra o outro. Devem ter sido ouvidos da cozinha, pois o pai gritou de lá: “A música não agrada aos senhores? Ela pode parar agora mesmo”. “Pelo contrário”, disse o senhor do meio, “a menina não quer vir até aqui tocar na sala, que é muito mais cômodo e agradável?” “Oh, como não!”, gritou o pai, como se fosse ele o violinista. Os senhores voltaram para a sala e esperaram. Logo chegou o pai com a estante, a mãe com a partitura e a irmã com o violino. A irmã calmamente ajeitou tudo para tocar; os pais, que nunca antes haviam alugado quartos e por isso se excediam na cortesia com os inquilinos, nem se atreveram a sentar nas próprias cadeiras; o pai encostou na porta, a mão direita enfiada entre dois botões do casaco abotoado; a mãe, porém, aceitou a cadeira oferecida por um dos senhores e, como não a moveu do local onde ele por acaso a colocara, acabou sentando afastada.

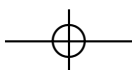
A irmã começou a tocar; pai e mãe, cada qual do seu lado, seguiam atentos os movimentos das mãos dela. Gregor, atraído pela música, arriscou-se um pouco mais à frente e logo estava com a cabeça na sala. Já nem se admirava de que, nos últimos tempos, demonstrasse tão pouca consideração pelos outros; antigamente esse tipo de respeito era para ele um motivo de orgulho. E na verdade teria justo agora muito





mais razões para não aparecer, porque, por causa da poeira que tomava conta de seu quarto e que ao menor movimento se espalhava no ar, ele também vivia coberto de pó; arrastava consigo fiapos, pelos, restos grudados dos lados e nas costas; sua apatia diante de tudo era muito grande para que se desse ao trabalho de deitar de costas, como fazia antes várias vezes ao dia, e se esfregar no tapete. E mesmo nesse estado ele não teve o menor pudor de invadir um pedaço do piso imaculado da sala.

Em todo caso ninguém nem reparava nele. A família estava bastante absorta pelo som do violino; ao contrário dos inquilinos, que a princípio, as mãos nos bolsos das calças, haviam se posicionado bem atrás da estante, muito próximos da irmã, de modo a que pudessem todos os três acompanhar as notas, o que com certeza devia atrapalhá-la, mas logo, conversando a meia voz, as cabeças abaixadas, se afastaram para junto da janela, onde permaneceram, observados pelo olhar apreensivo pai. Essa atitude realmente tinha a aparência mais do que clara de que eles haviam sido frustrados em sua intenção de ouvir ao violino uma música bela ou animada, que estavam fartos daquela apresentação e que apenas por educação ainda admitiam ter sua paz perturbada. Sobretudo o modo como todos eles sopravam para o alto a fumaça de seus charutos, pelo nariz e pela boca, dava a entender um alto grau de irritação. E todavia a irmã tocava tão bonito. Seu rosto pendia para o lado, seus olhos aguçados e tristes acompanhavam as linhas da pauta. Gregor rastejou outro tanto adiante e manteve a cabeça bem





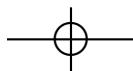
junto ao chão, para assim, quem sabe, poder interceptar o olhar dela. Era por ser um animal que a música o atraía tanto? A ele parecia como se tivesse à sua frente o caminho para o ansiado alimento desconhecido. Estava decidido a avançar até a irmã, puxá-la pela saia, e desse modo fazê-la entender que ela poderia com prazer vir ao quarto dele com o violino, pois ninguém aqui valorizava a música como ele quisera valorizar. Queria então não mais deixá-la sair do quarto, pelo menos não enquanto estivesse vivo; sua figura medonha pela primeira vez lhe seria útil; queria estar ao mesmo tempo diante de todas as portas, bufando feito uma fera contra os opressores; a irmã, porém, não devia ficar com ele à força, e sim por vontade própria; ela iria se sentar ao lado dele no canapé, inclinar o ouvido em sua direção, e ele queria nesse momento confidenciar a ela que tivera o firme propósito de mandá-la para o conservatório, e que, se nesse meio tempo a desgraça não houvesse ocorrido, no último Natal — o Natal já tinha passado, aliás? —, ele teria anunciado o fato a todos, sem se importar com qualquer tipo de objeção. Depois dessa explicação, a irmã iria desatar num choro comovido, e Gregor, erguendo-se até altura do ombro dela, lhe daria um beijo no pescoço que, desde que entrara na loja, ela trazia sem fita nem cordão.

“Senhor Samsa!”, gritou para o pai o senhor do meio e, sem desperdiçar mais palavras, apontou o dedo indicador na direção de Gregor, que avançava devagar. O violino ficou mudo, o inquilino intermediário, num único movimento de cabeça, sorriu para seus amigos e então voltou





a olhar para Gregor. Ao pai pareceu que o mais urgente era, em vez de tocar Gregor, primeiro acalmar os inquietos, embora estes não estivessem nada nervosos e Gregor parecesse animá-los bem mais do que a música do violino. Ele correu para o lado deles e com os braços abertos tentou conduzi-los a seus aposentos e ao mesmo tempo bloquear com o corpo a visão de Gregor. Aí eles de fato se zangaram um pouco, não dava para saber se com o comportamento do pai ou se com a descoberta que acabavam de fazer, de que, sem que soubessem, tinham como vizinho de quarto um tipo igual a Gregor. Exigiram explicações do pai, ergueram como ele os braços, beliscaram as barbas com impaciência e só a custo foram aos poucos recuando aos seus aposentos. Enquanto isso a irmã conseguiu sair do estado de alheamento em que havia caído com a interrupção súbita da música, depois de sustentar mais um instante o violino e o arco nas mãos que pendiam frouxas, e em seguida olhar para a partitura como se ainda estivesse tocando, conseguiu se recompor num átimo, colocou o instrumento no colo da mãe, que com dificuldades respiratórias e intensa atividade pulmonar seguia sentada em sua cadeira, e foi correndo para o quarto ao lado, do qual, empurrados pelo pai, os inquietos se aproximavam agora mais depressa. Era de ver como, sob as mãos treinadas da irmã, cobertas e travesseiros voavam pelo ar e pousavam já dispostos direitinho nas camas. Ainda antes dos senhores chegarem à entrada do quarto, ela já dera conta da arrumação e saíra de fininho. O pai pareceu de novo tomado por sua teimosia, de uma tal forma





que olvidou todo o respeito a que estava obrigado perante seus locatários. Ele só insistia e voltava a empurrar, até que, na porta do quarto, o senhor do meio bateu com força o pé no chão, e desse modo conseguiu deter o pai. “Declaro para todos os fins”, ele falou, ergueu a mão e dirigiu o olhar também para a mãe e a irmã, “que, em vista das condições repugnantes em vigor nesta casa e nesta família” — nesse ponto ele, decidido, deu uma breve cusparada no chão —, “dou por cancelada minha locação. É evidente que não paguei o mínimo que seja, nem pelos dias em que aqui estive hospedado, muito pelo contrário, ainda hei de ponderar se não apresento contra o senhor uma queixa formal que — o senhor pode ter certeza — seria bem fácil de justificar.” Ele se calou e olhou fixo à sua frente, como se esperasse alguma coisa. Ato contínuo, seus amigos vieram com as palavras: “Nós também cancelamos a nossa”. A seguir ele agarrou a maçaneta e fechou ruidosamente a porta.

O pai, tateando com as mãos, voltou cambaleando até sua cadeira e ali desabou; dava a impressão de que se recostava para sua soneca noturna cotidiana, mas os intensos meneios da cabeça, que parecia solta, mostravam que de modo nenhum estava dormindo. Gregor ficou esse tempo todo quieto, deitado no mesmo lugar em que fora surpreendido pelos inquilinos. O desapontamento com o insucesso de seus planos mas talvez também a fraqueza provocada pela fome extrema impossibilitavam que se movimentasse. Com uma certa garantia, temia já para o instante seguinte a tempestade coletiva a desabar em cima dele, e esperava.





Não o perturbou nem mesmo o violino na hora em que caiu do colo da mãe, depois de escorregar de seus dedos trêmulos, e produziu um estampido retumbante.

“Meus pais”, falou a irmã e bateu a mão na mesa à guisa de introdução, “não dá para continuar assim. Se vocês por acaso não enxergam desse jeito, eu enxergo. Não quero usar o nome do meu irmão com esse monstro, então só digo uma coisa: temos que nos livrar disso. Tentamos o que era humanamente possível para criá-lo e suportá-lo, acho que ninguém tem o menor direito de nos condenar.”

“Ela está coberta de razão”, o pai disse consigo mesmo. A mãe, que ainda não conseguia respirar normalmente, levou a mão à boca e começou a tossir para dentro, com uma expressão de insanidade no olhar.

A irmã correu para junto da mãe e amparou-lhe a testa. O pai, levado pelas palavras da irmã, pareceu ter encontrado ideias mais precisas, endireitou-se na cadeira, brincou com o quepe do uniforme em meio aos pratos largados sobre a mesa, ainda do jantar dos inquilinos, e olhou uma vez ou outra para Gregor, que permanecia quieto.

“Temos que dar um jeito de nos livrar dessa coisa”, a irmã falou, agora exclusivamente para o pai, pois a mãe, com a tosse, não escutava nada, “isso vai acabar matando vocês dois, só estou vendo a hora. Quem é obrigado a trabalhar tanto quanto nós três não pode ainda ter que aturar em casa esse tormento sem fim. Eu já não suporto mais.” E rompeu num choro tão forte que suas lágrimas espirraram no rosto





da mãe, que as enxugou com movimentos mecânicos da mão.

“Filha”, falou o pai morrendo de pena e exagerando na compreensão, “mas o que vamos fazer?”

A irmã apenas deu de ombros como sinal da sensação de impotência que a acometera enquanto chorava, o que contrastava com sua segurança de antes.

“Se ele pudesse nos entender”, disse o pai com ar interrogativo; a irmã em meio ao choro sacudiu a mão com veemência em sinal de que isso estava fora de cogitação.

“Se ele pudesse nos entender”, repetiu o pai e fechou os olhos, para assimilar a convicção da irmã quanto à impossibilidade do fato, “então quem sabe fosse possível um acordo com ele. Mas assim —”

“Que vá embora”, a irmã gritou, “é o único jeito, pai. Basta se livrar do pensamento de que é o Gregor. Ter acreditado nisso durante tanto tempo, essa no fundo é a nossa desgraça. Mas como essa coisa pode ser o Gregor? Se fosse o Gregor, já teria entendido há muito tempo que é impossível a convivência das pessoas com um bicho desses, e teria partido por vontade própria. Então não haveria mais irmão, mas podíamos seguir tocando a vida e preservar sua memória. Mas assim, fica esse bicho nos seguindo, expulsa os inquilinos, com certeza quer tomar o apartamento e nos deixar dormindo na rua. Olha aí, pai”, ela gritou de repente, “lá vem ele de novo!” E, num pânico de todo incompreensível para Gregor, a irmã deixou até a mãe de lado, chegou mesmo a empurrar sua cadeira, como se preferisse sacrifi-





car a mãe a ficar perto dele, e correu atrás do pai que também se levantou, provocado única e exclusivamente pelo comportamento dela, e posicionou os braços a meia altura à sua frente, na tentativa de protegê-la.

Mas Gregor não pretendia de modo algum amedrontar quem quer que fosse, muito menos a irmã. Ele havia tão-só começado a se virar para regressar ao seu quarto, o que em todo caso seria muito chamativo, dado que, devido às suas condições lastimáveis, era difícil fazer a volta e ele precisava ajudar com a cabeça que por causa disso diversas vezes levantava e batia contra o chão. Parou um pouco e olhou ao seu redor. Parece que reconheciam sua boa intenção; tinha sido só um susto passageiro. Agora todos o observavam calados e entristecidos. A mãe largada em sua cadeira, as pernas estendidas uma por cima da outra, os olhos quase se fechando de fadiga; o pai e a irmã sentados lado a lado, ela apoiando a mão atrás do pescoço dele.

“Agora talvez me deixem completar a volta”, Gregor pensou e retomou sua ocupação. Não conseguia evitar o ruído de sua respiração ofegante do esforço e era obrigado a fazer uma pausa a todo momento. No mais, não era pressionado por ninguém, havia sido deixado por sua própria conta. Depois de completar a volta ele deu início ao retorno em linha reta. Ficou admirado com a grande distância que o separava de seu quarto, e não entendia como, com a sua fraqueza, tinha ainda há pouco, quase sem perceber, percorrido o mesmo caminho. O tempo todo concentrado apenas em rastejar depressa, ele mal reparava que não era incomo-





dado por nenhuma palavra, nenhum grito de sua família. Só depois de chegar à porta é que ele virou a cabeça, não muito porque na hora sentiu um torcicolo, em todo caso ainda viu que atrás de si nada havia mudado, apenas a irmã se levantara. Seu último olhar avistou de relance a mãe, a essa altura já totalmente adormecida.

Mal acabara de entrar no quarto e a porta foi fechada às pressas, com o trinco e à chave. Gregor levou um susto tão grande com o barulho inesperado às suas costas que suas perninhas vacilaram. Era a irmã que tinha toda essa pressa. Já estava lá levantada só esperando, avançou então saltitando na ponta dos pés, Gregor nem a ouviu se aproximar, e ao girar a chave na fechadura ela gritou para os pais: “Até que enfim!”.

“E agora?”, perguntou-se Gregor e olhou a escuridão ao seu redor. Logo veio a descobrir que não conseguia se mexer de jeito nenhum. Não ficou surpreso, antes lhe parecia pouco natural que até então tivesse podido andar de verdade com aquelas perninhas finas. De resto ele estava relativamente bem. É certo que tinha dores por todo o corpo, mas para ele era como se elas fossem ficando mais e mais fracas e estivessem a ponto de sumir de uma vez por todas. Já mal sentia a maçã podre em suas costas e a inflamação que a circundava, ambas cobertas por uma fina camada de poeira. Lembrou-se de sua família com intensa ternura e amor. Sua posição a respeito da necessidade de seu desaparecimento era na medida do possível ainda mais convicta do que a da irmã. Ficou nesse estado meditabundo,





vazio e tranquilo, até que as três horas da manhã soaram no relógio da torre. Ainda presenciou o despontar da claridade matutina do lado de fora da janela. Então, independente de sua vontade, sua cabeça pendeu toda para baixo e suas narículas expeliram sem força seu último suspiro.

Quando, de manhã cedo, a faxineira veio — sempre afobada e com muita energia, apesar de já lhe ter sido pedido várias vezes que o evitasse, ela batia todas as portas de uma tal maneira que com a sua chegada já não era mais possível dormir sossegado em nenhum cômodo do apartamento —, a princípio não achou nada de novo em sua habitual visitinha a Gregor. Pensou que ele estivesse ali deitado imóvel de propósito, bancando o ofendido; ela o julgava capaz de compreender tudo. Como por acaso estava com a comprida vassoura nas mãos, tentou fazer cócegas nele ali mesmo da porta. Quando isso também não resultou em nada, ela ficou brava e cutucou um pouco mais fundo, e só após empurrá-lo de seu lugar sem encontrar nenhuma resistência é que procurou ver melhor. Tão logo reconheceu a realidade dos fatos, arregalou os olhos, soltou um assobio, mas não se conteve muito tempo, e sim foi logo escancarar a porta do quarto dos pais, gritando bem alto para dentro da escuridão: “Venham dar uma olhada, ele bateu as botas; está lá, abotoou de vez o paletó!”.

Marido e mulher estavam sentados na cama de casal e tiveram primeiro que se recuperar do susto com a faxineira, antes de virem a compreender o que ela anunciava. Mas então, cada qual pelo seu lado, o senhor e a senhora Samsa





saíram depressa da cama, o senhor Samsa jogou a coberta por cima dos ombros, a senhora Samsa apareceu só de camisola; assim entraram no quarto de Gregor. Entrementes, fora igualmente aberta a porta da sala, onde Grete dormia desde a chegada dos inquilinos; ela estava vestida dos pés à cabeça, como se nem tivesse dormido, seu rosto pálido parecia demonstrar a mesma coisa. “Morto?”, falou a senhora Samsa e olhou para a faxineira, esperando uma resposta, embora pudesse confirmar por si só ou até reconhecer o fato sem confirmação nenhuma. “É o que eu acho”, disse a faxineira e como prova empurrou com a vassoura o cadáver de Gregor um bom pedaço para o lado. A senhora Samsa reagiu como se fosse tentar parar a vassoura, mas não fez nada. “Bom”, falou o senhor Samsa, “agora podemos agradecer a Deus.” Ele fez o sinal da cruz, e as três mulheres seguiram o seu exemplo. Grete, que não tirava os olhos do cadáver, disse: “Vejam como ele estava magro. Já fazia um bom tempo que não comia nada. A comida voltava do jeito que ia”. De fato o corpo de Gregor estava bem achatado e seco, e só agora é que reparavam nisso, quando ele não mais se erguia sobre suas perninhas e também nenhuma outra coisa distraía a atenção.

“Vamos, Grete, entra um pouquinho com a gente”, disse a senhora Samsa com um sorriso tristonho, e Grete, não sem voltar a olhar o cadáver mais uma vez, entrou atrás dos pais no quarto do casal. A faxineira fechou a porta e abriu toda a janela. Embora ainda fosse cedo, uma certa tepidez





misturava-se ao ar fresco da manhã. Já era sem dúvida o final de março.

Os três inquilinos saíram de seu quarto e atônitos procuraram com os olhos pelo café da manhã; haviam sido esquecidos. “Cadê o café da manhã?”, o senhor do meio perguntou mal-humorado à faxineira. Esta porém pôs o indicador na frente da boca e a seguir, em silêncio, fez apressada um sinal indicando aos inquilinos que por favor passassem ao quarto de Gregor. Eles passaram e ficaram lá de pé, as mãos nos bolsos de seus paletós curtos e um tanto gastos, no quarto já totalmente iluminado, em torno do cadáver.

Foi quando a porta do quarto dos pais se abriu, e o senhor Samsa apareceu de uniforme, sua esposa apoiada em um braço, sua filha no outro. Todos com cara de quem tinha chorado um pouco; Grete vez por outra pressionava o rosto no braço do pai.

“Saiam agora mesmo da minha casa!”, disse o senhor Samsa e apontou para a porta, sem soltar as mulheres. “O que significa isso?”, disse o senhor do meio um pouco espantado e com um sorriso amarelo. Os outros dois mantinham as mãos para trás e esfregavam uma na outra, na alegre expectativa de uma grande peleja, cujo resultado entretanto deveria ser favorável a eles. “Significa exatamente o que acabo de dizer”, respondeu o senhor Samsa e avançou em coluna com suas duas companheiras para cima do inquilino. Este a princípio ficou parado onde estava e olhou para baixo, como se as coisas em sua cabeça assumissem uma nova configuração. “Se é assim, nós vamos embora”, acabou di-





zendo e ergueu o olhar para o senhor Samsa, como se, num acesso repentino de humildade, tivesse de pedir permissão até mesmo para uma decisão dessas. O senhor Samsa, de olhos bem abertos, limitou-se a acenar brevemente com a cabeça uma e outra vez. O inquilino, com efeito, em obediência a isso, de imediato se dirigiu a passos largos para a antessala; seus dois amigos já estavam de sobreaviso há algum tempo, com as mãos bem quietinhas, e em dois pulos seguiram no seu encalço, como se temendo que o senhor Samsa pudesse alcançar a antessala antes deles e perturbar o vínculo que mantinham com o líder. Na antessala, todos os três pegaram seus chapéus no cabideiro, retiraram suas bengalas do porta-bengalas, curvaram-se num cumprimento mudo e deixaram o apartamento. Com uma desconfiança que se revelou infundada, o senhor Samsa saiu com as duas mulheres no corredor; debruçados no corrimão, ficaram observando como os três senhores, é certo que devagar, porém de modo ininterrupto, desciam a comprida escadaria, a cada andar desapareciam em uma determinada curva da escada e alguns segundos depois voltavam a aparecer; quanto mais para baixo iam, mais se perdia o interesse da família Samsa por eles, e quando um empregado do açougue surgiu, cruzou com eles e, todo aprumado e orgulhoso, continuou subindo com um pacote em cima da cabeça, logo o senhor Samsa abandonou o corrimão ao lado das mulheres e todos, parecendo aliviados, regressaram ao apartamento.

Decidiram aproveitar o dia para descansar e passear; não só tinham direito a essa folga no trabalho, ela também





lhes era mais do que necessária. E assim foram se sentar à mesa e redigir três justificativas, o senhor Samsa à direção do banco, a senhora Samsa ao dono da loja e Grete ao seu patrão. Estavam escrevendo quando a faxineira veio dizer que já ia, pois havia acabado o serviço da manhã. Ocupados com a escrita, os três a princípio apenas acenaram com a cabeça, sem erguer os olhos, só quando notaram que a faxineira demorava a sair é que resolveram olhar para ela, contrariados. “O que foi?”, perguntou o senhor Samsa. A faxineira estava parada na porta, sorridente, como se tivesse uma notícia muito boa para dar à família, porém só faria isso se lhe fosse solicitado com alguma insistência. Fincada quase reta em seu chapéu, a pequena pluma de avestruz, que tanto irritava o senhor Samsa durante todo o expediente dela, oscilava de leve em todas as direções. “Mas o que a senhora quer afinal?”, perguntou a senhora Samsa, por quem a faxineira ainda nutria o máximo de respeito. “Está bem”, respondeu a faxineira e não conseguiu falar muito mais por causa da risada amistosa, “o negócio aí do lado, a senhora não vai precisar se incomodar em pôr para fora. Está tudo resolvido.” A senhora Samsa e Grete inclinaram-se sobre o papel, dando a entender que queriam continuar escrevendo; o senhor Samsa, ao perceber que a faxineira agora queria começar a descrever tudo em detalhes, cortou a conversa levantando a mão de maneira decidida. Vendo que não tinha licença para contar, lembrou que estava com pressa, falou bem alto, visivelmente ofendida: “Passar bem”,



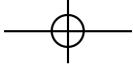


deu meia volta enfurecida e saiu do apartamento debaixo de um assombroso bater de portas.

“Hoje mesmo ela vai ser despedida”, disse o senhor Samsa, sem porém obter resposta, nem de sua esposa, nem de sua filha, pois a faxineira parecia ter perturbado o sossego que acabavam de alcançar. Elas se levantaram, foram até a janela e lá ficaram, abraçadas uma à outra. O senhor Samsa virou-se para elas sem sair de sua cadeira e ficou observando quieto um momento. Então reclamou: “Ora, venham até aqui. Deixem em paz as coisas passadas. E tenham um pouco de consideração por mim”. As mulheres o obedeceram no ato, voltaram depressa para ele, fizeram-lhe festinhas, e logo terminaram de escrever suas justificativas.

Então todos os três saíram juntos do apartamento, o que já não faziam há meses, e seguiram de bonde rumo aos espaços abertos nos arredores da cidade. O vagão em que se sentaram a sós reluzia com o brilho quente do sol. Comodamente reclinados em seus assentos, eles avaliaram suas perspectivas de futuro e acharam que, examinando mais de perto, elas não seriam assim tão ruins, pois todos os três empregos eram, embora não tivessem informações muito precisas um do outro a esse respeito, sobremaneira oportunos e, a longo prazo, bastante promissores. A principal melhoria em sua situação no momento deveria advir sem muita dificuldade com a mudança de residência; queriam agora alugar um apartamento menor e mais barato, porém mais bem localizado e acima de tudo mais prático do que o atual, que havia sido ainda uma escolha de Gre-





gor. Enquanto conversavam sobre essas coisas, o senhor e a senhora Samsa, admirados com a vivacidade crescente da filha, notaram praticamente no mesmo instante como ela nos últimos tempos, apesar de todo o sofrimento responsável pela palidez em suas faces, desabrochava e era agora uma moça bonita e cheia de viço. Cada vez mais calados e entendendo-se quase que por instinto só com a troca de olhares, pensaram que já era tempo de arranjar um bom marido para ela. E foi para eles como que uma confirmação de seus novos sonhos e belos projetos quando, no final da viagem, a filha se levantou primeiro e espreguiçou seu corpo jovem.



Notas

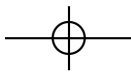
¹ “Als Gregor Samsa eines Morgens aus unruhigen Träumen erwachte, fand er sich in seinem Bett zu einem ungeheuren Ungeziefer verwandelt”. (A fim de manter a mesma correspondência, Modesto Carone, responsável pela primeira tradução brasileira diretamente do alemão, na década de 1980, propõe solução inversa: não mexe no título, mas traduz o verbo por “metamorfoseado”, opção desde então seguida por algumas traduções posteriores.)

² Cf. Celso Cruz. *Metamorfoses de Kafka*, São Paulo: Annablume, 2007.

³ Alguns colegas reivindicam essa primazia para *O processo*, às vezes até para *O castelo*, o que pode até acontecer entre o público mais intelectual. Porém, o número de edições e traduções de *A metamorfose* é bem maior, o que confirma sua extensa popularização. *O processo* exige mais do leitor, e *O castelo* ainda mais, daí a dificuldade dessas obras de atingir o grande público. Elas tendem a atrair o interesse desse público no caminho que *A metamorfose* pavimenta.

⁴ Há opinião diversa, como a de Osman Durrani, no *The Cambridge Companion to Kafka*, que procura desfazer o mito do autor tímido, avesso à publicação de sua obra. Em relação ao mito, até que Kafka publicou bastante. In *The Cambridge Companion to Kafka*, Org. Julian Preece, Cambridge University Press, 2002.

⁵ São 447, numa contagem mais recente, incluindo textos não literários. Cf. Osman Durrani, “Editions, translations, adaptations”, in *The Cambridge Companion to Kafka*. *Op. cit.* p. 208.



⁶ Num conhecido prólogo publicado no Brasil na abertura de uma edição da Ediouro de *A metamorfose*, tradução de Torrieri Guimarães, de 1998, coleção “Biblioteca de Babel”, dedicada à literatura fantástica, homônima porém não a mesma dirigida por Borges e Bioy Casares na Argentina. A propósito de Borges, ainda, também se acredita que tenha traduzido *A metamorfose*, fato entretanto desmentido por Fernando Sorrentino, em “‘La Metamorfosis’ que Borges jamás tradujo”, *La Nación*, Buenos Aires, 9 de marzo de 1997 (disponível *on-line* em <<http://www.sololiteratura.com/sor/sorrenelkafkiano.htm>>, acesso em 30/05/2008, com o título “El kafkiano caso de la Verwandlung que Borges jamás tradujo”).

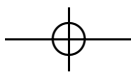
⁷ Entretanto, não se quer dizer que o que veio após sua morte deva ser descartado, longe disso. Inclusive, acontece uma coisa interessante, a partir da recepção das obras do espólio. O inacabado e o fragmentário próprio desses papéis cuja redação não foi retomada, ou que não foram revistos para publicação, são incorporados como matrizes da expressão literária de Kafka, e revertem sobre suas produções anteriores. Cumpre-se de certa forma a perspicaz observação, de novo de Borges, agora em “Kafka e seus precursores”, de que os autores que influenciam Kafka só vêm a surgir depois de sua morte.

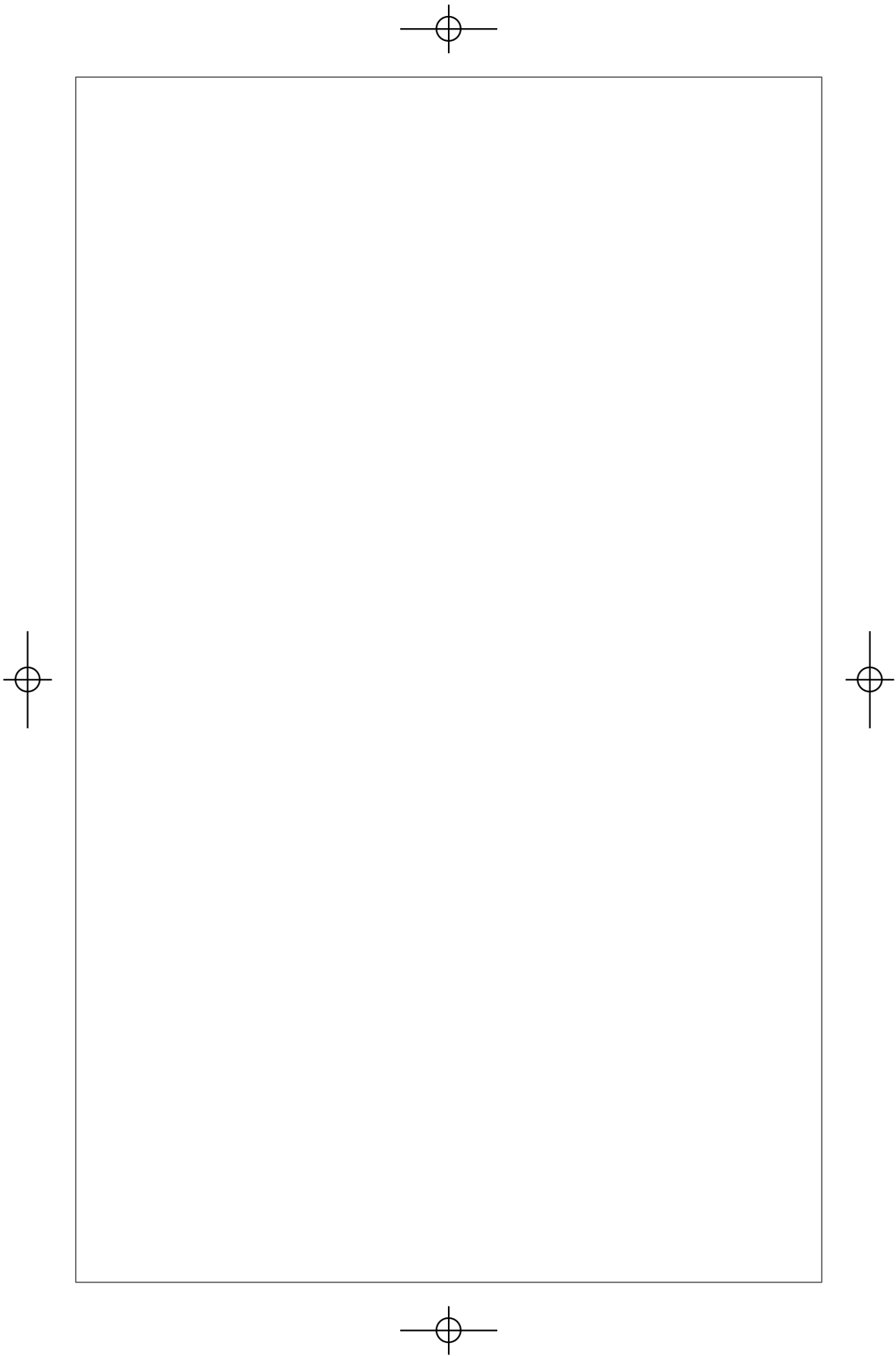
⁸ Luiz Costa Lima comprova em *Limites da voz: Kafka* (Rocco, 1993) que o escritor “não foi um ignorado”, e que sua “recepção inteligente” soube lhe destacar o valor, além de ser em alguns casos muito feliz na caracterização de suas peculiaridades.

⁹ “Dichtung ist immer nur eine Expedition nach der Wahrheit”, frase atribuída a Kafka por Gustav Janouch em seu livro *Conversas com Kafka*.

¹⁰ *Kafka de Crumb*, trad. José Gradel, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.



¹¹ Cf., por exemplo, Anthony Northey, “Myths and realities in Kafka biography”, in *The Cambridge Companion to Kafka. Op. cit.*

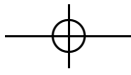




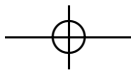
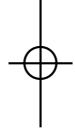


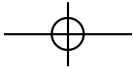


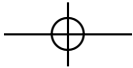
COLEÇÃO HEDRA

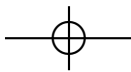
1. Iracema,
José de Alencar
 2. Don Juan,
Molière
 3. Contos indianos,
Stéphane Mallarmé
 4. Auto da barca do Inferno,
Gil Vicente
 5. Poemas completos de Alberto Caeiro,
Fernando Pessoa
 6. Triunfos,
Francisco Petrarca
 7. A cidade e as serras,
Eça de Queiroz
 8. O retrato de Dorian Gray,
Oscar Wilde
 9. A história trágica do Doutor Fausto,
Christopher Marlowe
 10. Os sofrimentos do jovem Werther,
Johann Wolfgang von Goethe
 11. Dos novos sistemas na arte,
Kazimir Maliévitch
 12. Mensagem,
Fernando Pessoa
 13. Metamorfoses,
Ovídio
 14. Micromegas e outros contos,
Voltaire
 15. O sobrinho de Rameau,
Denis Diderot
 16. Carta sobre a tolerância,
John Locke
- 
- 



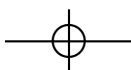
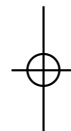
17. Discursos ímpios,
Marquês de Sade
18. O príncipe,
Nicolau Maquiavel
19. Dao De Jing,
Lao Zi
20. O fim do ciúme e outros contos,
Marcel Proust
21. Pequenos poemas em prosa,
Charles Baudelaire
22. Fé e saber,
Friedrich Hegel
23. Joana d'Arc,
Jules Michelet
24. Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos,
Maimônides
25. O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios,
Emma Goldman
26. Eu acuso! | O processo do capitão Dreyfus,
Zola | Rui Barbosa
27. Apologia de Galileu,
Tommaso Campanella
28. Sobre verdade e mentira,
Friedrich Nietzsche
29. O princípio anarquista e outros ensaios,
Piotr Kropotkin
30. Os soviets traídos pelos bolcheviques,
Rudolf Rocker
31. Poemas,
Lord Byron
32. Sonetos,
William Shakespeare
33. A vida é sonho,
Calderón de la Barca



- 
- 
- 
34. Escritos revolucionários,
Errico Malatesta
35. Sagas,
August Strindberg
36. O mundo ou tratado da luz,
René Descartes
37. O Ateneu,
Raul Pompeia
38. Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas,
Luis de Góngora y Argote
39. A vênus das peles,
Sacher-Masoch
40. Escritos sobre arte,
Charles Baudelaire
41. Cântico dos cânticos,
[Salomão]
42. Americanismo e fordismo,
Antonio Gramsci
43. O princípio do Estado e outros ensaios,
Mikhail Bakunin
44. História da província Santa Cruz,
Pero de Magalhães Gandavo
45. Balada dos enforcados e outros poemas,
François Villon
46. Sátiras, fábulas, aforismos e profecias,
Leonardo Da Vinci
47. O cego e outros contos,
D.H. Lawrence
48. Rashômon e outros contos,
Ryūnosuke Akutagawa
49. História da anarquia (vol. 1),
Max Nettlau
50. Imitação de Cristo,
Tomás de Kempis
- 

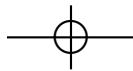


51. O casamento do Céu e do Inferno,
William Blake
52. Cartas a favor da escravidão,
José de Alencar
53. Utopia Brasil,
Darcy Ribeiro
54. Flossie, a Vênus de quinze anos,
Algernon Charles Swinburne
55. Teleny, ou o reverso da medalha,
Oscar Wilde
56. A filosofia na era trágica dos gregos,
Friedrich Nietzsche
57. No coração das trevas,
Joseph Conrad
58. Viagem sentimental,
Laurence Sterne
59. Arcana Coelestia e Apocalipsis revelata,
Emanuel Swedenborg
60. Saga dos Volsungos,
Anônimo do séc. XIII
61. Um anarquista e outros contos,
Joseph Conrad
62. A monadologia e outros textos,
Gottfried Wilhelm Leibniz
63. Cultura estética e liberdade,
Friedrich Schiller
64. A pele do lobo e outras peças,
Artur Azevedo
65. Poesia basca: das origens à Guerra Civil
66. Poesia catalã: das origens à Guerra Civil
67. Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil
68. Poesia galega: das origens à Guerra Civil
69. O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio,
E.T.A. Hoffmann



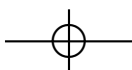
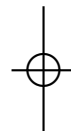
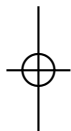


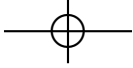

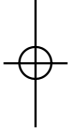
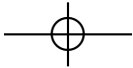
70. Tratados da terra e gente do Brasil,
Fernão Cardim
71. Entre camponeses,
Errico Malatesta
72. O Rabi de Bacherach,
Heinrich Heine
73. Bom Crioulo,
Adolfo Caminha
74. Um gato indiscreto e outros contos,
Saki
75. Viagem em volta do meu quarto,
Xavier de Maistre
76. Hawthorne e seus musgos,
Herman Melville
77. A metamorfose,
Franz Kafka
78. Ode ao Vento Oeste e outros poemas,
Percy Bysshe Shelley
79. Oração aos moços,
Rui Barbosa
80. Feitiço de amor e outros contos,
Ludwig Tieck
81. O corno de si próprio e outros contos,
Marquês de Sade
82. Investigação sobre o entendimento humano,
David Hume
83. Sobre os sonhos e outros diálogos,
Jorge Luis Borges | Osvaldo Ferrari
84. Sobre a filosofia e outros diálogos,
Jorge Luis Borges | Osvaldo Ferrari
85. Sobre a amizade e outros diálogos,
Jorge Luis Borges | Osvaldo Ferrari
86. A voz dos botequins e outros poemas,
Paul Verlaine

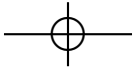


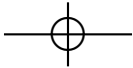


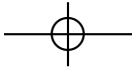




87. Gente de Hemsö,
August Strindberg
88. Senhorita Júlia e outras peças,
August Strindberg
89. Correspondência,
Goethe | Schiller
90. Índice das coisas mais notáveis,
Antônio Vieira
91. Tratado descritivo do Brasil em 1587,
Gabriel Soares de Sousa
92. Poemas da cabana montanhosa,
Saigyō
93. Autobiografia de uma pulga,
[Stanislas de Rhodes]
94. A volta do parafuso,
Henry James
95. Ode sobre a melancolia e outros poemas,
John Keats
96. Teatro de êxtase,
Fernando Pessoa
97. Carmilla — A vampira de Karnstein,
Sheridan Le Fanu
98. Pensamento político de Maquiavel,
Johann Gottlieb Fichte
99. Inferno,
August Strindberg
100. Contos clássicos de vampiro,
Lord Byron, Bram Stoker e outros
101. O primeiro Hamlet,
William Shakespeare
102. Noites egípcias e outros contos,
Aleksandr Púchkin
103. A carteira de meu tio,
Joaquim Manuel de Macedo

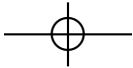


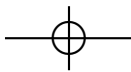
- 
- 
- 
- 
104. O desertor,
Silva Alvarenga
105. Jerusalém,
William Blake
106. As bacantes,
Eurípides
107. Emília Galotti,
Gotthold Ephraim Lessing
108. Contos húngaros,
Dezso Kosztolányi, Frigyes Karinthy, Géza Csáth e Gyula Krúdy
109. Viagem aos Estados Unidos,
Alexis de Tocqueville
110. Émile e Sophie ou os solitários,
Jean-Jacques Rousseau
111. Manifesto comunista,
Karl Marx e Friedrich Engels
112. A fábrica de robôs,
Karel Tchápek
113. Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I),
Arthur Schopenhauer
114. O novo Epicuro: as delícias do sexo,
Edward Sellon
115. Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875,
Mikhail Bakunin
116. Sobre a liberdade,
John Stuart Mill
117. A velha Izerguil e outros contos,
Maksim Górkí
118. Pequeno-burgueses,
Maksim Górkí
119. Primeiro livro dos Amores,
Ovídio
120. Educação e sociologia,
Émile Durkheim

- 
- 
- 
121. Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia,
Bernardo Guimarães
 122. A nostálgica e outros contos,
Alexandros Papadiamántis
 123. Lisístrata,
Aristófanes
 124. A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias,
Marcel Schwob
 125. O livro de Monelle,
Marcel Schwob
 126. A última folha e outros contos,
O. Henry
 127. Romanceiro cigano,
Federico García Lorca
 128. Sobre o riso e a loucura,
[Hipócrates]
 129. Hino a Afrodite e outros poemas,
Safo de Lesbos
 130. Anarquia pela educação,
Élisée Reclus
 131. Ernestine ou o nascimento do amor,
Stendhal
 132. Odisseia,
Homero
 133. O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde,
Robert Louis Stevenson
 134. História da anarquia (vol. 2),
Max Nettlau
 135. Eu,
Augusto dos Anjos
 136. Farsa de Inês Pereira,
Gil Vicente
 137. Sobre a ética — Parerga e paralipomena (v. II, t. II),
Arthur Schopenhauer
- 

- 
- 
- 
138. Contos de amor, de loucura e de morte,
Horacio Quiroga
139. Memórias do subsolo,
Fiódor Dostoiévski
140. A arte da guerra,
Nicolau Maquiavel
141. O cortiço,
Aluísio Azevedo
142. Elogio da loucura,
Erasmus de Rotterdam
143. Oliver Twist,
Charles Dickens
144. O ladrão honesto e outros contos,
Fiódor Dostoiévski
145. O que eu vi, o que nós veremos,
Santos-Dumont
146. Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida,
Friedrich Nietzsche
147. Édipo Rei,
Sófocles
148. Fedro,
Platão
149. A conjuração de Catilina,
Salústio

«SÉRIE LARGEPOST»

1. Dao De Jing,
Lao Zi
2. Cadernos: Esperança do mundo,
Albert Camus
3. Cadernos: A desmedida na medida,
Albert Camus
4. Cadernos: A guerra começou...,
Albert Camus
- 



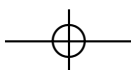
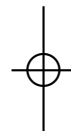
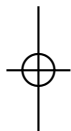
5. Escritos sobre literatura,
Sigmund Freud
6. O destino do erudito,
Johann Gottlieb Fichte
7. Diários de Adão e Eva,
Mark Twain
8. Diário de um escritor (1873),
Fiódor Dostoiévski

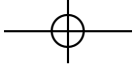


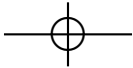
«SÉRIE SEXO»

1. A vênus das peles,
Sacher-Masoch
2. O outro lado da moeda,
Oscar Wilde
3. Poesia Vaginal,
Glauco Mattoso
4. Perversão: a forma erótica do ódio,
Robert Stoller
5. A vênus de quinze anos,
Algernon Charles Swinburne
6. Explosão: romance da etnologia,
Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

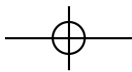
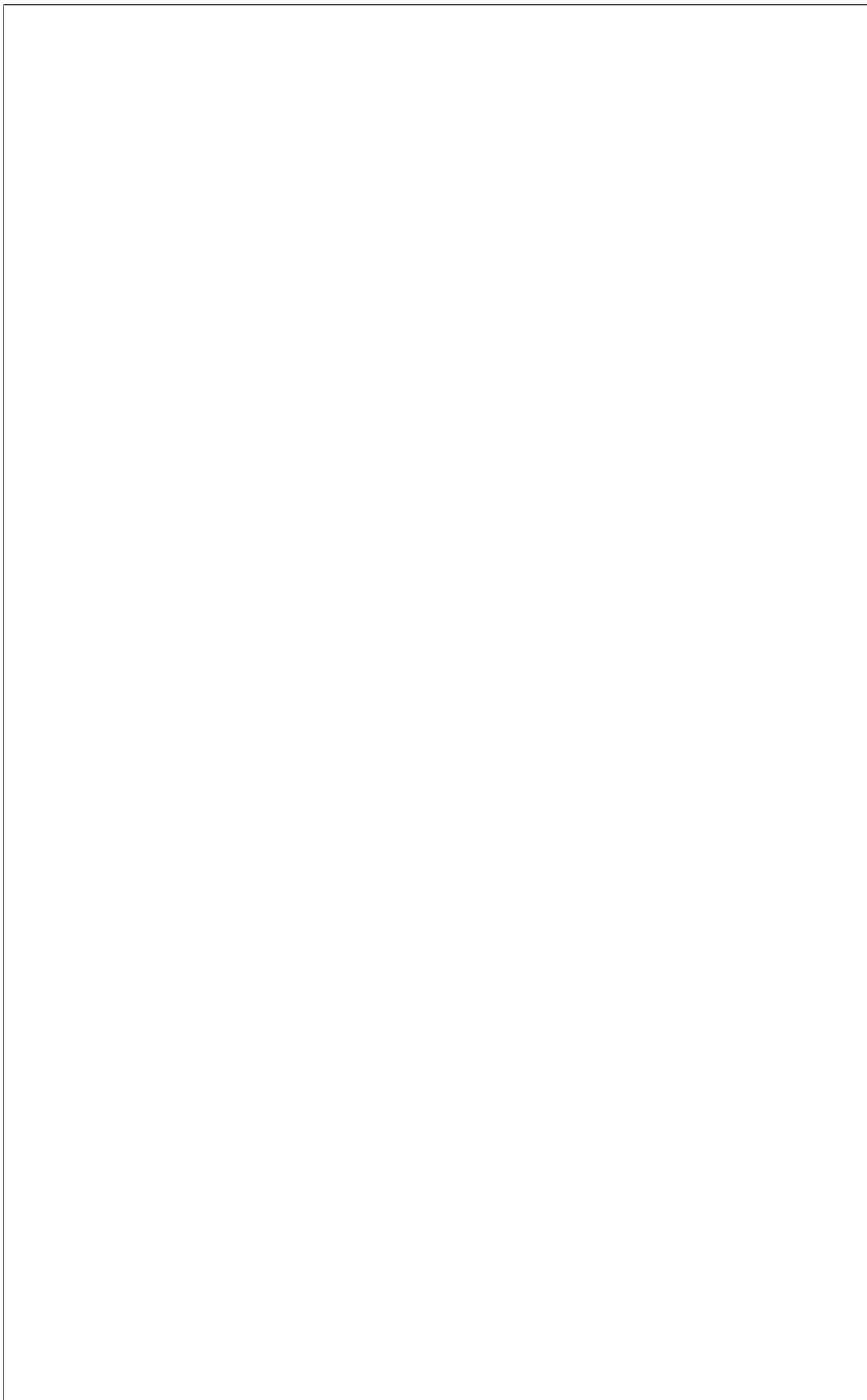
1. Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica,
Tales Ab'Sáber
2. Crédito à morte,
Anselm Jappe
3. Universidade, cidade e cidadania,
Franklin Leopoldo e Silva
4. O quarto poder: uma outra história,
Paulo Henrique Amorim
5. Dilma Rousseff e o ódio político,
Tales Ab'Sáber

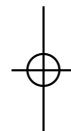


- 
- 
- 
- 
6. Descobrindo o Islã no Brasil,
Karla Lima
 7. Michel Temer e o fascismo comum,
Tales Ab'Sáber
 8. Lugar de negro, lugar de branco?,
Douglas Rodrigues Barros

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. Dostoiévski e a dialética,
Flávio Ricardo Vassoler
2. O renascimento do autor,
Caio Gagliardi





Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas,
em 2 de setembro de 2019, em tipografia Libertine, com diversos
softwares livres, entre eles, Lua^ATeX, git & ruby.
(v. ff34918)

